



**Universidade Federal da Grande Dourados
Faculdade de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**



VIVIAN MENDES DE SOUZA

**A VITIMIZAÇÃO POR *BULLYING* ENTRE ADOLESCENTES NA FASE INICIAL
DA PANDEMIA COVID-19**

**DOURADOS - MS
2021**

VIVIAN MENDES DE SOUZA

**A VITIMIZAÇÃO POR *BULLYING* ENTRE ADOLESCENTES NA FASE INICIAL
DA PANDEMIA COVID-19**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Levandoski.

DOURADOS - MS
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S729v Souza, Vivian Mendes De
A VITIMEZAÇÃO POR BULLYING ENTRE ADOLESCENTES NA FASE INICIAL DA
PANDEMIA COVID-19 [recurso eletrônico] / Vivian Mendes De Souza. -- 2021.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Gustavo Levandoski.
Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Bullying. 2. Obesidade. 3. Imagem Corporal. 4. Covid-19. 5. Distanciamento Social. I. Levandoski, Gustavo. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



UFPGD

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR **VIVIAN MENDES DE SOUZA**, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO “PSICOLOGIA”.

Aos dez dias do mês de maio de dois mil e vinte e um, às oito horas, em sessão pública, realizou-se na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada “**A VITIMIZAÇÃO POR BULLYING ENTRE ADOLESCENTES, IMAGEM CORPORAL E EFEITOS DA PANDEMIA DA COVID-19**” apresentada pela mestrand **Vivian Mendes de Souza**, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr. Gustavo Levandoski/UFPGD (presidente/orientador), Profa. Dra. Veronica Aparecida Pereira/UFPGD (membro titular) e Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira/PUC-Campinas. Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada _____, fazendo *jus* ao título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**. Os membros da banca abaixo assinados atestam que todos os membros participaram de forma remota¹ desta defesa de dissertação, considerando a candidata **APROVADA**, conforme **declaração anexa**. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados, 10 de maio de 2021.

Prof. Dr. Gustavo Levandoski/UFPGD – Participação remota*

Profa. Dra. Veronica Aparecida Pereira/UFPGD – Participação remota*

Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira/PUC-Campinas – Participação remota*

¹ Participação remota dos membros da banca conforme § 3º do Art. 1º da Portaria RTR/UFPGD n. 200, de 16/03/2020 e Art. 2º e 5º da Instrução Normativa PROPP/UFPGD Nº 1, de 17/03/2020

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

ATA HOMOLOGADA EM: __/__/____, PELA PROPP/ UFPGD.

Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa
Assinatura e Carimbo

VIVIAN MENDES DE SOUZA

**A VITIMIZAÇÃO POR *BULLYING* ENTRE ADOLESCENTES, IMAGEM
CORPORAL E EFEITOS DA PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, para Exame de Defesa como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Gustavo Levandoski
Universidade Federal da Grande Dourados (FCH/FAED)
Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Veronica Aparecida Pereira (examinadora)
Universidade Federal da Grande Dourados (FCH)

Profa. Dra. Wanderlei Oliveira (examinador)
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC)

Dourados – MS, 10/05/2021

*“Por um mundo onde sejamos socialmente
iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.”*
Rosa Luxemburgo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as bênçãos e proteção, por ser meu amparo, minha fortaleza diante de todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos meus pais, Edivaldo e Terezinha, e minha irmã, Vanessa, por acreditarem em mim, pelo incentivo aos estudos e apoio incondicional. Vocês são o motivo do meu empenho e dedicação.

Ao meu esposo Rodrigo Vitor, por toda paciência, incentivo e consolo nos momentos difíceis.

À minha maior benção, Maria Clara, que por meio de gestos e sorrisos me fez acreditar que tudo daria certo. Por você é que acordo todos os dias querendo ser melhor. Eu te amo, filha.

À minha amiga Bárbara, por todos os diálogos e encorajamento.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Gustavo Levandoski, por ter acreditado em meu potencial, pelas orientações, ensinamentos e por não medir esforços em me ajudar.

Aos professores convidados da banca de defesa, Verônica Aparecida e Wanderlei Abadio, por todas as contribuições e a disponibilidade em avaliar o trabalho.

Ao Gustavo, secretário da Pós-graduação, por toda sua gentileza e prontidão.

À UFGD e ao corpo docente, pela qualidade e excelência de ensino.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos, obrigada.

RESUMO

Souza, V. M. (2020). **A vitimização por *bullying* entre adolescentes na fase inicial da pandemia COVID-19**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS.

O *bullying* é uma violência multifacetada, caracterizada pelo conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais, que ocorre em um contexto relacional de desigualdade de poder/força entre o agressor e a vítima, gerando danos graves aos envolvidos. Este estudo teve por objetivo analisar os registros de ocorrências de vitimização de *bullying* em escolares com diferentes padrões corporais e a imagem-corporal, nas escolas de ensino público da cidade de Dourados-MS, no início da pandemia da COVID-19. Para verificar os alunos vítimas de *bullying*, foi utilizado Questionário de *Bullying* de Olweus (QBO) – versão da vítima, criado por Olweus (1996), e questões elaboradas pela autora; o Índice de Massa Corporal foi obtido utilizando-se o cálculo: $IMC = \text{massa corporal (kg)}/\text{estatura (m)}^2$, e para verificar o nível da satisfação ou insatisfação da imagem corporal percebida e a ideal, foi utilizada a escala de silhueta corporal proposta por Stunkard, Sorenson e Schlusinger (1983). Os resultados apontaram 24 participantes com relatos de vitimização, e os principais tipos de *bullying* foram agressões verbais, como: xingamentos, que afetam a moralidade; o uso de alguma característica física para dar vazão à agressão. risos; apelidos; exclusão social, e fofocas, sendo o maior percentual no sexo feminino. Entre os participantes que se declararam vítimas de *bullying*, 37,5% enquadravam-se na classificação de sobrepeso e obesidade; 29,17% demonstraram-se insatisfeitos com sua imagem corporal pelo excesso de peso, e 33,33% estavam insatisfeitos por apresentarem baixo peso. Este estudo de corte transversal indicou que as vítimas tiveram redução de vitimização, além da sensação de segurança em sua residência, indicando que o distanciamento social na pandemia da Covid-19 foi uma barreira protetora nas ações de *bullying* escolar.

Palavras-Chave: *Bullying*; Obesidade; Imagem Corporal; Covid-19, Distanciamento Social.

ABSTRACT

Souza, V. M. (2020). **Victimization by bullying among adolescents in the early phase of the COVID-19 pandemic.** Dissertacion (Masters) - Federal University of Grande Dourados, Dourados, MS.

Bullying is a multifaceted violence characterized by a set of aggressive, repetitive and intentional behaviors that occur in a relational context of power/force inequality between the aggressor and the victim, generating serious damage to those involved. This study aimed to analyze the records of occurrences of bullying victimization in students with different body patterns and body-image, in public schools in the city of Dourados -MS, at the beginning of the COVID-19 pandemic. To verify the students who were victims of bullying, we used the Olweus Bullying Questionnaire (QBO) - victim version, created by Olweus (1996), and questions prepared by the author; the Body Mass Index was obtained using the calculation: $IMC = \text{body mass (kg)} / \text{height (m)}^2$, and to verify the level of satisfaction or dissatisfaction of the perceived body image and the ideal one, we used the body silhouette scale proposed by Stunkard, Sorenson, and Schlusinger (1983). The results indicated 24 participants with reports of victimization, and the main types of bullying were verbal aggression, such as: swearing, which affects morality; the use of some physical characteristic to give vent to the aggression; laughter; nicknames; social exclusion, and gossip, with the highest percentage in females. Among the participants who declared themselves victims of bullying, 37.5% were classified as overweight or obese, 29.17% were dissatisfied with their body image due to being overweight, and 33.33% were dissatisfied because they were underweight. This cross-sectional study indicated that victims experienced reduced victimization, as well as a sense of safety in their residence, indicating that social distancing in the Covid-19 pandemic was a protective barrier in school bullying actions.

Keywords: Bullying; Obesity; BodyImage; Covid-19, Social Distancing.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Frequência de respostas das vítimas de <i>bullying</i> através do questionário de Olweus.....	40
Tabela 2. Comparação entre o sexo e as frequências de respostas das perguntas associadas elaboradas pela autora para auxiliar na obtenção de um diagnóstico de vitimização.....	42
Tabela 3. Frequência de vitimização em decorrência da obesidade ou sobrepeso.....	43
Tabela 4. Vitimização em decorrência da satisfação a imagem corporal.....	45

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Questionário de <i>Bullying</i> de Olweus – Vítima.....	63
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. PROBLEMÁTICA	18
3. OBJETIVO.....	20
3.1 Objetivos Específicos	20
4. LEVANTAMENTO DE LITERATURA.....	21
4.1. <i>Bullying</i> seus Conceitos e Tipologias.....	21
4.2. Diferentes Atores no <i>Bullying</i>	23
4.3. Prevalência de Vitimização de <i>Bullying</i> em Estudos Brasileiros	25
4.4. <i>Bullying</i> e Obesidade	28
4.5. Imagem Corporal.....	30
5. MÉTODO	34
5.1. Delineamento.....	34
5.2. Participantes	34
5.3. Instrumentos	35
Objetivo específico 1	35
Objetivo específico 2.....	36
Objetivo específico 3.....	37
5.4. Procedimentos	37
5.5. Análise dos Dados	38
5.6. Questões Éticas.....	38
6. RESULTADOS	38
7. DISCUSSÃO.....	45
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	54

APRESENTAÇÃO

Este estudo trata de um tema considerado como um grande problema de saúde pública, crescente no mundo, o *bullying*, caracterizado pelo conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais, que ocorre em um contexto em que há desigualdade nas relações de poder/força entre pares, gerando danos graves aos envolvidos (Olweus, 1996). O interesse em vítimas obesas atribui-se ao fato que, numa sociedade que valoriza o corpo “ideal”, estar acima do peso é estar fora dos padrões, o que se torna motivo para a prática da discriminação e violência. O *bullying* ocorre em diferentes lugares, e a escola possivelmente seja o local que mais soma vítimas desta violência, prejudicando o aluno academicamente e emocionalmente, consequências que podem perdurar ao longo da vida (Pigozi e Machado, 2015).

O tema da dissertação surgiu em decorrência dos estágios realizados durante a graduação, especialmente no período do Programa Institucional de Bolsa a Iniciação à Docência (PIBID), durante dois anos, acompanhando o professor de Educação Física, semanalmente. Presenciei vários casos de *bullying*, nos quais o professor não sabia conduzir a situação, limitando-se apenas a dizer às vítimas: “Pare de frescura, não dê “moral” que ele(a) irá se cansar de implicar com você”. Foi marcante também uma situação frequente de um aluno que estava acima do peso e, por isso, todas as aulas ficava somente no gol, sofrendo chacotas e zombarias de seus colegas por sua condição corporal. A sensação de impotência diante desse fato era latente, pois o professor não aceitava dos estagiários nenhuma interferência.

Enquanto estudante, senti falta de estudos/discussões sobre o *bullying* na graduação, por presenciar violência durante todo o estágio e não saber como agir, em razão da falta de conhecimento. Surgiu, então, a motivação para estudar o fenômeno, a fim de entender a respeito e saber como se portar diante de casos de *bullying* no ambiente escolar. Porém, não foi possível prosseguir com o trabalho, devido a várias adversidades na graduação, de modo que não desenvolveria um trabalho de qualidade ou até mesmo finalizá-lo.

Quando participei do processo seletivo do mestrado, apresentei um trabalho sobre violência, porém, o público-alvo eram garotas de programa, e apesar de ser um tema de grande relevância, ainda não era o que eu desejava, pois pesquisar assuntos dentro do ambiente escolar era, de fato, a minha pretensão. Após perceber que não conseguiria prosseguir com o trabalho, pois não havia entusiasmo no tema, trouxe a proposta para o orientador, que se mostrou disposto e aberto para a temática.

Investigar sobre o *bullying* torna-se relevante pela dor e sofrimento que a ação causa a todos os envolvidos, e o aumento no número de casos tem sido amplamente divulgado pela mídia. Desta maneira, as pesquisas acerca do *bullying* são importantes para desenvolver ações e estratégias de prevenção e intervenções nas escolas em relação a esse tipo de violência. Portanto, enquanto o *bullying* for tratado como algo banal, mais jovens sofrerão suas consequências.

Para uma melhor compreensão do estudo, é abordado, inicialmente, o conceito de *bullying*, em que foi realizado um levantamento dos estudos relacionados ao tema, tanto pesquisas brasileiras quanto internacionais, tendo sido possível observar, a partir desta revisão, que o *bullying* tem sido abordado por diferentes áreas, devido à repercussão que o fenômeno pode tomar. São apresentadas suas características gerais, os tipos de envolvidos no *bullying* e suas consequências, e, ainda, busca-se apresentar a prevalência de *bullying* a partir de estudos nacionais - o *bullying* associado à obesidade e o *bullying* associado à imagem corporal.

Na segunda parte, apresentamos a metodologia utilizada, os resultados obtidos e a interpretação dos dados com base na revisão da literatura, e, por fim, concluímos a pesquisa com evidências relevantes para construções de intervenções e ações mais eficazes na prevenção do *bullying*.

1. INTRODUÇÃO

O Coronavírus (SARS-CoV-2) causador da COVID-19, que surgiu em Wuhan, na China, e rapidamente se espalhou para outros países, foi reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como emergência de Saúde Pública e preocupação internacional (Vilelas, 2020). O vírus, quando ativo, gera infecções que podem ser consideradas como leves ou moderadas. Os sintomas mais comuns assemelham-se aos de um resfriado, com a presença de tosse, dor de garganta, febre e coriza, entretanto, este quadro pode evoluir para pneumonia e levar a óbito (Lima, 2020).

Em 2020, com a ausência de tratamentos para combater o vírus e vacina para prevenção, as medidas tomadas para conter a propagação do vírus baseava-se na utilização de máscaras, a lavagem regular das mãos ou uso do álcool em gel, além do distanciamento social. O isolamento social é extremamente relevante para desacelerar a transmissão, entretanto, tais medidas trouxeram grandes mudanças no cotidiano das pessoas e no âmbito social (Oliveira, Duarte, França, & Garcia, 2020). Com a interrupção de atividades presenciais, como o fechamento de instituições de ensino, a suspensão de algumas atividades profissionais e o trabalho remoto ocasionou nos indivíduos angústias, estresse, preocupações, entre outros sentimentos pertinentes ao confinamento em casa (Moraes, Marques, Ribeiro, & Souza, 2020).

Com inúmeros setores prejudicados devido ao novo coronavírus, a educação também foi afetada com as consequências da pandemia. Para minimizar as perdas causadas em tempo de distanciamento social, onde a suspensão do ensino presencial atingiu todos os níveis da comunidade escolar, em escolas públicas e privadas, viu-se a necessidade de incluir o ensino remoto (Médici, Tatto, & Leão, 2020).

As escolas se reinventaram, empenhando-se em buscar soluções para a continuidade no processo de construção de conhecimento, sendo necessária a busca por novos métodos de ensino, porém, mantendo-se a orientação da OMS sobre isolamento social. A utilização das

tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC) foi a solução mais debatida para que a educação pudesse prosseguir (Médici, Tatto, & Leão, 2020).

De acordo com Grossi, Minoda e Fonseca (2020), o ensino-aprendizagem transformou-se diante da distância física entre o aluno e professor, e o aluno passou de um simples receptor para um sujeito proativo na construção do seu conhecimento. Assim, deve estar disposto a responsabilizar-se por seu aprendizado, sendo necessário ter autonomia e disciplina. Pereira (2015) afirma que a idade em que alunos têm autonomia de estudar a distância está em torno de 25 a 45 anos; posto isso, o público mais jovem precisa de mais atenção e supervisão. Mesmo os alunos da educação básica pertencendo à geração da internet, conectados a maior parte de seu tempo, é essencial um professor ao seu lado incentivando, já que esse aluno ainda não tem responsabilidade e disciplina para estudar a distância (Grossi, Minoda, & Fonseca, 2020).

A transição do ensino presencial para ensino remoto resultou em grandes desafios e possibilidades. Os professores tiveram que adaptar seus planos de aulas, organizar aulas remotas, atividades de ensino por meio da tecnologia, para suprir a educação presencial, onde se fez necessário dominar várias ferramentas tecnológicas, como, por exemplo: *google meet*, *chats*, plataforma *moodle*, *lives*, entre outros (Alves, 2020). Apesar do ensino remoto ser uma alternativa para a continuidade das aulas, a proposta também tem apresentado impasses tanto para os pais como para os filhos, segundo Alves (2020, p. 356):

[...] os problemas enfrentados pelos pais, referem-se a: a) ausência de computadores em suas casas, já que utilizam os dispositivos móveis para acessar a rede internet; b) a falta de experiência com a interface das plataformas que vem sendo utilizadas para os encontros virtuais, como Google Meet, Teams, Zoom, entre outros; c) a dificuldade em mediar as atividades que seguem a sequência prevista para as aulas presenciais, exigindo dos pais conhecimento e estratégias para ensinar aos filhos os conteúdos que são cobrados e não ensinados pelos professores.

Outro ponto a destacar é sobre os sentimentos dos alunos, a falta de ânimo, a ansiedade, o stress, a tristeza e o medo da “nova situação”, que fez com que eles desanimassem e deixassem de participar das aulas remotas; houve também aqueles que, por estarem em casa, entenderam

estar de férias e resistiram em fazer as atividades propostas. Essa concepção tem causado situações de estresse tanto para alunos quanto para seus pais ou responsáveis, que se sentem impotentes frente à situação de recusa dos filhos diante das obrigações escolares (Alves, 2020).

Diante do cenário pandêmico da COVID-19, com todos isolados em suas casas, sem a possibilidade de realizar pesquisas presenciais, torna-se fundamental buscar outras estratégias de coleta de dados para prosseguir com as investigações. Neste sentido, este trabalho alterou a estratégia original, que permitia contato direto entre o pesquisador e pesquisado, para a utilização de plataformas digitais, uma situação frustrante e desafiadora. Mesmo com os desafios das pesquisas online, é importante reconhecer suas potencialidades, especialmente no contexto de distanciamento, sendo uma das poucas possibilidades de se fazer pesquisa diante da atual situação mundial (Schmidt, Palazzi, & Piccinini, 2020).

Neste estudo, buscamos investigar o fenômeno *bullying*, considerado um tipo de violência definido como o conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais que ocorrem sem motivos aparente, contra pessoas incapazes de se defender, provocando danos físicos e psicológicos em todos os envolvidos. O *bullying* pode ser caracterizado de acordo com as formas de manifestações, como físico, verbal, social (Olweus, 2013).

O aumento significativo de alunos envolvidos em ocorrências de *bullying* tem justificado o interesse crescente pelo tema, na tentativa de esclarecer diferentes aspectos presente no comportamento violento. Os estudos atuais objetivam assimilar as diversas relações e associações do tema, a fim de identificar os fatores presentes nesta conduta, caracterizada como abuso de poder. Neste sentido, espera-se que o presente trabalho possa contribuir com a temática, especialmente em um momento de isolamento social, em que se observou o aumento de casos de violência contra a criança e ao adolescente, a idosos e contra a mulher, em diferentes países, como China, Estados Unidos, Reino Unido, Brasil e outras regiões do mundo (Bassan, 2020; Godin, 2020; WHO, 2020).

Desse modo, analisar os dados desta pesquisa é descobrir informações relevantes sobre a ocorrência de vitimização em escolares de diferentes padrões corporais, além de verificar se a pandemia é um fator de proteção ou intensificação frente ao *bullying* escolar.

2. PROBLEMÁTICA

Existem várias causas associadas à vitimização por *bullying*, como orientação sexual (Souza, Silva, & Faro, 2015); deficiência (Cruz, Silva, & Alves, 2007); condições socioeconômicas (Mota et al., 2018); etnia e escolaridade dos pais (J. L. D. Silva et al., 2018); imagem corporal (Rech, Halpern, Tedesco e Santos, 2013; Levandoski & Cardoso, 2013), ou condição de sobrepeso/obesidade (Berlese, Renner, Sanfelice, Pedde, & Isaias, 2014), entre outros.

Segundo Berlese et al. (2014), as crianças e os adolescentes obesos estão mais sujeitos a serem atacados por essa violência. A obesidade é uma doença caracterizada pelo armazenamento demasiado de gordura corporal em um ponto que coloque em risco a saúde do indivíduo (G. A. P. D. Silva, Balaban, & Motta, 2005). O aumento da obesidade e do excesso de peso em crianças tem sido discutido pela comunidade científica, pois muitos dos fatores desencadeadores são modificáveis. A obesidade é um problema de causa multifatorial, podendo ser resultado do estilo de vida, genética, hábitos alimentares e fatores socioeconômicos. Além disso, crianças obesas têm uma predisposição de se tornarem adultos obesos e adquirirem alguns problemas de saúde que transcendem prejuízos apenas da saúde física, mas afetam o emocional, o seu bem-estar e a autoestima (Borges, Barreto, Reis, Vieira, & Marcon, 2018; R. A. Santos, Maranhão, & Batista, 2016).

Em uma sociedade bioascética, onde os quesitos mais valorizados são corporais e as identidades predominantemente somáticas, é de se esperar que aconteçam casos de *bullying* motivados pela aparência corporal. A obesidade infantil e juvenil talvez seja um fenômeno que mais some vítimas e algozes (Mattos, Perfeito, Carvalho, & Retondar, 2012).

Por mais natural que pareça dizer que uma criança é “obesa porque come muito”, é de se esperar que, através de uma reflexão, possamos esclarecer alguns acordos sociais e simbólicos expressos neste enunciado. Na vida em sociedade nos deparamos com uma ordem consentida, em torno da qual será construído um universo simbólico em torno da gordura corporal. Não é preciso interditar a gordura, ela já porta um valor negativo nas relações sociais e, embora isso não se ensine, essa distinção ao “contrário” opera como um critério de classificação e organização (Mattos et al., 2012 p.73).

A adolescência é uma fase em que são observadas diversas mudanças relacionadas ao desenvolvimento físico, mental, sexual, emocional e social. É quando os indivíduos começam as buscas em alcançar as expectativas culturais e sociais. O adolescente, muitas vezes, não entende os processos pelos quais passa, em especial o indivíduo obeso, que tende a sofrer com sua condição, devido aos preconceitos e estigmas em relação ao sujeito acima do peso (Berlese et al., 2014).

A obesidade produz julgamentos negativos a respeito do corpo, por não se incluir nos padrões de beleza impostos pela sociedade, que cultua um corpo esbelto e exclui o gordo, podendo acarretar problemas de imagem corporal evidente através dos comportamentos alimentares, o desânimo, a culpabilidade, a exclusão, o temperamento depressivo, entre outros (Scutti, Seo, Amadeu, & Sampaio, 2014). Segundo G. A. Silva e Lange (2017), a aflição por estar/ser diferente torna-se um sentimento constante na vida do indivíduo obeso, causando-lhe ainda mais sofrimento. Goffman (1988) afirma que o sujeito estigmatizado não tem uma aceitação social íntegra. Neste mesmo sentido, Berlese et al. (2014) discorrem que a pessoa obesa é julgada como uma condição fora dos padrões, sendo diminuída, de modo que se caracteriza assim o estigma da obesidade.

Latner e Stunkard (2003), no seu estudo, mostraram que as fotos de crianças obesas foram menos apreciadas em comparação às fotos de crianças com deficiência física e uma criança saudável. Esses comportamentos em torno do obeso podem ter grandes consequências tanto para sua saúde emocional e física como para sua trajetória pessoal. Segundo Miranda e Gloria (2018), tais atitudes podem ser consequência da associação de características negativas

à obesidade, como preguiça, descuido, incompetência, insinuando a ideia que o indivíduo obeso é o responsável pela sua condição, desenvolvendo-se, então, comportamentos inapropriados contra indivíduos obesos. Por conseguinte, um dos comportamentos mais evidenciados em torno da estigmatização é o *bullying* (Mortoza, 2011).

A partir deste contexto, este estudo tem como objetivo investigar a percepção de alunos com diferente padrão corporal, tais como o sobrepeso/obesidade e autoimagem corporal, em estudantes da cidade de Dourados-MS.

3. OBJETIVO

Analisar os registros de ocorrências de vitimização de *bullying* em escolares com diferentes padrões corporal, antes da pandemia da COVID-19.

3.1 Objetivos Específicos

- Caracterizar a ocorrência de vitimização de *bullying* em escolares antes da pandemia da COVID-19;
- Comparar entre os sexos a ocorrência de vitimização de *bullying* antes da pandemia da COVID-19;
- Verificar a ocorrência de vitimização de *bullying* em alunos com sobrepeso corporal antes da pandemia da COVID-19;
- Verificar a percepção de imagem corporal em escolares vítimas de *bullying* antes da pandemia da COVID-19;
- Verificar se a pandemia da COVID-19 foi um fator de proteção em relação ao *bullying* escolar.

4. LEVANTAMENTO DE LITERATURA

4.1. *Bullying* seus Conceitos e Tipologias

Desde quando há escola, existe o *bullying*, porém as pesquisas sobre o fenômeno se iniciaram na década de 70, por Dan Olweus, um psicólogo norueguês, cujo interesse científico no tema ocorreu após o suicídio de três estudantes, cuja principal causa era agressão contínua de seus companheiros (Olweus, 1978). A partir de então, o *bullying* foi reconhecido como um sério problema escolar, ganhando uma maior atenção dos pesquisadores de diversos países, como na Noruega (Olweus, 1993), Estados Unidos (Valles, 2007), Espanha (Ramírez, 2001), Portugal (Almeida, Lisboa, & Caurcel, 2007; Freire, Simão, & Ferreira, 2006; B. Pereira, 2002) e no Brasil (Lopes Neto, 2005). No Brasil, ainda é crescente o interesse pelo estudo de *bullying* (Francisco & Libório, 2009; Levandoski & Cardoso, 2013).

A palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *bully*, que se traduz por valentão, brigão e tirano (Lopes, 2011). Em termos conceituais, é definido como o comportamento agressivo com intencionalidade de causar ferimentos ou desconforto ao outro, sendo uma atitude repetitiva e que ocorre em um contexto relacional de desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima (Olweus, 2013). Sobre desequilíbrio de poder, é válido destacar que ele pode ser tanto físico, psicológico, ou o sujeito apresentar-se em minoria (Beane, 2010).

Almeida et al. (2007, p.108) explicam que:

[...] os maus tratos se distinguem de outras formas de agressão por seu caráter repetitivo ou sistemático, pela intenção de causar danos ou prejudicar alguém; que é habitualmente percebido/a como mais fraco/a ou está em uma posição fragilizada e dificilmente pode se defender. A recorrência, a intencionalidade e a assimetria caracterizam as situações de agressão como abuso de poder, no entanto, também pode acrescentar-se que estes comportamentos e atitudes não são necessariamente provocados pelas vítimas.

Beane (2010, p.18) ressalta que “o termo *bullying* descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o *status* social de uma pessoa”.

Constantini (2004) explica o *bullying* como uma violência que acontece de forma frequente, direcionada a crianças mais frágeis, havendo uma relação desigual de poder entre o agressor e a vítima. O direcionamento da prática em crianças mais frágeis ocorre em virtude da falta de defesa da vítima, a qual se submete à condição de obediência, o que a leva ao sofrimento psicológico e distanciamento de seus pares.

Segundo Coloroso (2004), a intenção do *bullying* é sempre ferir o outro e, por esse motivo, é um comportamento agressivo, desejado e, principalmente, consciente. Outro aspecto do *bullying* é levar o medo através de ameaças de futuras agressões. Desta forma, o *bullying* compreende três dimensões: a intencionalidade, as ameaças de futuras agressões e o desequilíbrio de poder. Seja um comportamento intencional ou ocasional, visível ou às escondidas, acontecendo numa relação de suposta amizade ou não, estas atitudes causam medo nas vítimas, medo das relações interpessoais e medo da escola.

Portanto, para se identificar o fenômeno *bullying*, é necessário observar a presença de três fatores: o comportamento agressivo com intencionalidade, a desproporção de força/poder entre o agressor e a vítima, e o comportamento repetitivo.

O *bullying* é classificado conforme as ações praticadas. Existem diferentes formas, entretanto, as mais discutidas entre os pesquisadores são as de ordem física, verbal, social e o *cyberbullying* (C.S. Silva & Costa, 2016; Sawyer, Mishna, Pepler, & Wiener, 2011; Moura, Cruz, & Quevedo, 2011).

O *bullying* de ordem física, o agressor intimida suas vítimas diretamente com ações de corpo, como chutes, empurrões, socos; o de ordem verbal refere-se em dizer coisas desagradáveis no intuito de ofender o indivíduo, ridicularizar e menosprezar (insultar, fazer comentários racistas e/ou homofóbicos, apelidos ofensivos, entre outros) (Olweus, 2013; Beane, 2010). Beane (2010, p.21) afirma que o *bullying* verbal pode ser o mais dolorido: “[...] paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras podem ferir mais, por muito mais

tempo”, alguns autores discorrem que este tipo é o mais comum entre os indivíduos (Wang, Iannotti, & Nansel, 2009; Moura et al., 2011). O *bullying* social se configura pela invenção de mentiras, insinuações, destruição de relacionamentos e exclusão (isolar a vítima) (Cano-Echeverri & Vargas-Gonzalez, 2018; Pigozi & Machado, 2015). No que diz respeito ao *cyberbullying*, o *bullying* é feito por vias eletrônicas (salas de bate-papo, correio eletrônico, mensagens de texto, fotoblogs, entre outros) (Beane, 2010).

4.2. Diferentes Atores no *Bullying*

De acordo com Olweus (2013), o indivíduo pode envolver-se no *bullying*, com um dos seguintes papéis: agressor (autor), vítima (alvo), alvo/autor (vítima e agressor) e testemunha. Esta classificação é feita de acordo com as atitudes do indivíduo perante o *bullying* (Lopes, 2005).

O agressor pode ser de ambos os sexos, tende ser o líder do grupo/popularização, o mais forte da turma, explosivo e isento de empatia, sempre vitimizando o mais fraco (desequilíbrio de poder) (Pigozi & Machado, 2015; Lopes, 2011). No perfil dos agressores, integram-se algumas características: maior idade, maior uso de drogas, tabaco e álcool, mais práticas de exercício físico, mais atitudes violentas, melhor imagem corporal, entre outras (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2001). Além disso, podem ser hiperativos, possuir problemas de atenção, menor inteligência e baixo desempenho escolar, sendo mais propensos ao abandono escolar; normalmente são populares, apresentam condutas antissociais e/ou delinquentes e acreditam ser a agressividade uma qualidade, podendo ser agressivos até mesmo com os adultos (Lopes, 2005).

Entende-se como vítimas de *bullying* os sujeitos expostos sistematicamente a ações negativas, diante das quais sofrem sem reagir; são inseguros, têm baixa autoestima, costumam ter poucos amigos, são retraídos, infelizes e sofrem com a vergonha (Pigozi & Machado, 2015; Lopes, 2005). As vítimas, normalmente:

[...] são mais frágeis ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicas; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... Enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do *bullying*. Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis (B. Silva, 2010, p. 38).

O aluno perseguido sofre com a vergonha, o medo, a insegurança e o sentimento de impotência, podendo desenvolver problemas psicossociais, além do comprometimento do desenvolvimento acadêmico. A mistura de sentimentos, segundo Beane (2010), pode levar à “vergonha tóxica”, em que o indivíduo questiona a sua própria capacidade, principalmente por não conseguir se defender, o que o levando a ter pensamentos autodestrutivos e/ou homicidas, entre outros. Beane (2010, p.30) menciona: “[...] conheci vários estudantes que se cortaram. Eles me disseram que se cortaram para aliviar a dor causada pelo *bullying* ou para provocar uma dor física que pudesse minimizar a dor em seu coração [...]”.

As principais consequências ocasionadas pelo *bullying*, na vida da vítima, de acordo com B. Silva (2010, p.9), são:

As consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de *bullying* (em maior ou menor proporção). Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O *bullying* também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

É considerado como testemunha/espectador aquele que assiste o *bullying* e não se envolve diretamente, ou seja, não o pratica, nem sofre, adotando o silêncio diante da situação, muitas vezes por medo de tornar-se a próxima vítima (Lopes, 2005). Esses indivíduos, muitas vezes pela angústia de não conseguirem ajudar, podem sentir-se ansiosos, como medo e inseguros, prejudicando o seu próprio desempenho escolar.

4.3. Prevalência de Vitimização de *Bullying* em Estudos Brasileiros

Segundo Botelho e Souza (2007), no Brasil os primeiros estudos e livros surgiram a partir de 2000 como produtos de programa que enfrentaram o *bullying*. Um dos programas que mais se destaca no Brasil, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), no biênio de 2002/2003, desenvolveu um projeto de pesquisa no qual participaram 5.800 alunos do ensino fundamental. Foi verificado que 40,5% estavam envolvidos em *bullying*, como agressor, vítima ou agressor-vítima. Ao estudarem características de tais condutas, organizaram estratégias para intervir e diminuir a agressão entre os alunos. Em vista das proporções e consequências a todos os envolvidos, o *bullying* tornou-se objeto de investigação nas últimas décadas, a fim de se contribuir para que o fenômeno seja minimizado na sociedade de forma geral.

J. L. D. Silva et al. (2019) analisaram a prática de *bullying* relatada por estudantes brasileiros, de acordo com idade, sexo e região geográfica. A pesquisa foi baseada em dados de duas amostras nacionais da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015, com o total de 102.301 participantes. Os dados apontaram a prevalência de prática de *bullying* de 19,8%, com maior incidência na região Sudeste, e o sexo masculino foi mais associado ao *bullying* do que o feminino, e entre os mais jovens.

Malta et al. (2019) investigaram, por meio de análise da PeNSE 2015 escolares dos 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas, a prevalência de sofrer *bullying* e fatores associados em estudantes brasileiros. Neste estudo, a prevalência de sofrer *bullying* foi de 7,4%. Os dados demonstraram que os estudantes com maiores chances de sofrer *bullying* são os mais jovens, do sexo masculino, de escolas públicas, com piores situações econômicas, filhos de mães sem estudos e que trabalham. Características da saúde mental como insônia e solidão contribuíram para possibilidade de vitimização, assim como ser membro de uma família não funcional.

Com o propósito de comparar a tendência de *bullying* nas capitais brasileiras, Mello, Malta, Santos, Silva e Silva (2018) realizaram estudo analisando três edições da PeNSE, nos anos de 2009, 2012 e 2015. O estudo revelou um aumento da prevalência de *bullying*, de acordo com os dados, em 2009: entre os alunos dos 9º ano de 5,4% para 7,2%, em 2012; e de 7,4% em 2015, crescimento de 37% de vítimas de *bullying*.

No estudo de Mota et al. (2018), foi utilizado um formulário para avaliar a prevalência de alto risco para experiência de *bullying* e sua associação com o uso de álcool e droga por estudantes de uma escola pública da cidade de Salvador, Bahia. No que diz respeito à vitimização, os autores identificaram elevada prevalência de alto risco 55,23%, e ocorreu também associação entre vítimas *bullying* para o consumo de álcool e maconha.

Marcolino, Cavalcanti, Padilha, Miranda e Clementino (2018) entrevistaram 678 adolescentes matriculados dos 6º aos 9º ano de escolas municipais de ensino fundamental em Campina Grande, Paraíba. Os resultados apontaram uma prevalência relevante de vitimização por *bullying* de 29,5% comparado aos agressores, com 8,4%; majoritariamente, os meninos tiveram maior envolvimento com o *bullying*; e, dentre os tipos de *bullying* ocorridos, houve maior incidência do *bullying* psicológico, 23,3% entre os escolares.

A pesquisa de Sampaio et al. (2015) teve o objetivo de analisar a prevalência de *bullying* escolar e identificar as emoções dos escolares envolvidos dos 6º aos 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município do interior de São Paulo. Os resultados indicaram uma alta prevalência de envolvimento com o *bullying* dos alunos, 39,6%, sendo que 17,4% eram agressores e 22,2% vítimas; além disso, observaram uma maior ocorrência de *bullying* verbal, 68,2%, sendo o sentimento de raiva mais relatado pelas vítimas, ao longo das agressões sofridas.

A pesquisa de Santos, Xavier, Paiva e Cavalcanti (2014) utilizou questionário com alunos de 13 a 17 anos, na cidade de Campina Grande, Paraíba, para determinar a prevalência

e os tipos de *bullying* nos escolares. Constataram que 23,6% dos alunos sofreram *bullying*, sendo os tipos de *bullying* mais presentes o (87,7%), o relacional (37,7%) e o físico (19,7%).

Brito e Oliveira (2013), com o intuito de investigar a situação de *bullying* e autoestima dos alunos dos 9º ano de escolas públicas do município de Olinda, Pernambuco, evidenciaram um número significativo de alunos envolvidos com *bullying* (67,5%), de modo que sofrer ou presenciar *bullying* foram as ocorrências mais relatadas, 48,9% e 59,9%, respectivamente, ao associar *bullying* e autoestima, 53,7% dos alunos envolvidos tiveram os escores de autoestima baixo. O estudo de Rech et al. (2013), ao se pesquisar a incidência e características de vítimas e agressores de *bullying* com escolares dos 6º ano, da cidade de Caxias do Sul, RS, encontraram incidência de 10,2% para vítimas e 7,1% para agressores da amostra investigada.

Bandeira e Hutz (2012) estudaram crianças e adolescentes da 4ª a 8ª série do ensino fundamental da cidade de Porto Alegre, RS, com o objetivo de levantar a ocorrência de *bullying*. Os resultados revelaram um número alto de alunos envolvidos com o *bullying*, isto é, 67,5% confirmaram terem sido vítimas de *bullying*, 57,7% se identificaram como agressores. Quanto aos níveis de vitimização, mostraram similares para ambos os sexos, o *bullying* do tipo verbal foi o mais relatado como agressão entre os escolares.

Para analisar prevalência de vítimas de *bullying* e suas características, Moura et al. (2011) entrevistaram 1.075 estudantes, entre 1º a 8º, série, de duas escolas públicas do Rio Grande Sul. No total, 17,6% estudantes sofreram *bullying*, ocorrendo uma maior intimidação através de *bullying* verbal, 75,1%.

Os estudos apontam o *bullying* como um fenômeno de grande ocorrência no ambiente escolar. Por ser um problema de saúde pública grave, que apresenta prejuízos aos envolvidos, especialmente nas vítimas, destaca-se a importância de se investir em programas de diagnóstico, prevenção e intervenção do fenômeno no ambiente escolar, de forma que se possa combatê-lo.

4.4. *Bullying* e Obesidade

O *bullying* com indivíduos obesos tem sido pesquisado há muito tempo em outros países. Strauss, Smith, Frame e Forehand (1985), quando analisaram as percepções sobre as crianças obesas, dos professores e companheiros de classes, constataram que sujeitos obesos comparados aos não obesos eram excluídos com maior frequência e seus colegas tinham menos interesse de tê-los como amigos. Percebeu-se também maior relato de baixa autoestima e depressão pelas crianças obesas. Na pesquisa sobre a relação entre obesidade/sobrepeso e questões sociais, Maddox, Back e Liederman (1969) destacaram que os sujeitos obesos sofrem rejeição e ações negativas devido à condição de ser obeso, e que eles são estigmatizados como culpados por seu próprio estado físico.

De acordo com Lopes (2005), a partir da década 90, os trabalhos empregando o termo *bullying* começaram a ganhar destaque, com estudos de Olweus (1993); Smith e Sharp (1994); Rigby e Ross (1996). Desde então, os estudos relacionados à rejeição e à discriminação sofridas por indivíduos obesos começaram a utilizar o termo.

Em estudo feito por Janssen, Craig, Boyce & Pickett (2004), verificou-se, por meio dos dados da pesquisa internacional *Health Behaviour in School-Aged Children Survey* (HBSC) em 36 países, no ano de 2001/2002, em uma amostra do total de 5.794 indivíduos com idades entre 11 e 16 anos, que para ambos os sexos houve uma relação positiva entre o aumento do índice de massa corporal (IMC) e o *bullying* verbal.

Farhat, Iannotti & Simons-Morton (2010) analisaram a associação de sobrepeso e obesidade com comportamentos de riscos à saúde entre jovens americanos, em uma amostra nacionalmente representativa. O estudo apontou diferenças de gêneros quando associado com comportamentos agressivos, e os meninos obesos mais jovens têm o maior risco de serem vítimas de *bullying* comparados com seus pares de peso normal.

Na pesquisa de Lumeng et al. (2010), os resultados indicaram que crianças obesas entre 8 e 11 anos tinham maiores chances de sofrer *bullying* do que as crianças com o peso considerado normal, independentemente de questões como raça, gênero, desempenho escolar, condições econômicas e competências sociais. Midei e Matthews (2011) chamam a atenção ao examinarem a relação entre exposição à violência interpessoal e o risco para obesidade, apontando que pode existir uma relação, de maneira que a violência interpessoal aumente o risco para obesidade, e vice-versa.

Em estudo, Puhl, Peterson e Luedicke (2013) investigaram a vitimização com base no peso corporal, em jovens em tratamento para perda de peso. Os resultados indicaram que adolescentes em condição de sobrepeso são alvos mais frequentes de vários tipos de vitimização baseada no peso corporal, ocorrendo principalmente na escola, por um longo período, sendo seus pares e amigos relatados, na maioria das vezes, como os agressores.

No artigo de meta-análise de Geel, Vedder e Taniol (2014), analisou-se se jovens com sobrepeso e obesidade sofreram mais *bullying* comparados a jovens com peso normal. Os autores procuraram estudos publicados entre 1950 e agosto de 2013, e um total de 14 artigos foram incluídos em uma meta-análise sobre ao *bullying* e sobrepeso. Os resultados sugerem que os jovens obesos estão mais sujeitos a serem vítimas de agressão.

Na pesquisa de Berlese et al. (2014), que teve o objetivo de demonstrar a violência de *bullying* e violência social em sujeitos obesos, participaram 21 adolescentes obesos que estavam em tratamento de sobrepeso e obesidade de um hospital da Região Central do Rio Grande do Sul, RS. Observou-se que 86% desses sujeitos sofreram algum tipo de *bullying*; 95% apontaram a agressão verbal como mais frequente, sendo relatado o ambiente escolar como o local de maior ocorrência (61,11%).

Por sua vez, Miziara e Vectore (2014) investigaram como escolares obesos percebem sua própria obesidade; participaram crianças entre 6 e 12 anos de uma escola pública do interior

de Minas Gerais, e de 60 sujeitos identificados como obesos apenas 19 colaboraram com a pesquisa. Constataram que o *bullying* estava presente no cotidiano dessas crianças, principalmente em ambiente escolar. Observaram nos participantes o sentimento de tristeza pela condição física e a raiva por serem vítimas de apelidos e zombarias.

No estudo de Oliveira et al. (2015), participaram 109.104 estudantes do 9º ano do ensino fundamental, de escolas públicas e privadas do território brasileiro. Os autores verificaram que a segunda maior causa de *bullying* estava relacionada à imagem ou aparência corporal (18,6%), sendo mais frequente entre os que se sentem muito gordos e muito magros 19,2% e 12,1%, respectivamente.

Bacchini et al. (2015) realizaram um estudo com uma amostra da população pediátrica italiana, com o objetivo de identificar associação entre categorias de status de peso e *bullying* e/ou vitimização em uma amostra da população pediátrica italiana. Os dados mostraram que os obesos estavam mais envolvidos no *bullying*, e os obesos mais severos envolvidos no duplo papel de agressor e vítima. Demonstraram também que indivíduos gravemente obesos, além da vitimização verbal, sofreram violência física e exclusão de atividades em grupo.

Um estudo utilizando os dados de uma pesquisa de base escolar realizado entre 2012/2013 em Florianópolis, Santa Catarina, incluiu 975 indivíduos de escolas públicas e particulares, entre 11 e 14 anos. Identificou-se, no total da amostra, que 13,2% foram vítimas de *bullying*; os adolescentes com sobrepeso/obesidade e aqueles com determinadas condições individuais (baixo, alto, pobre, rico, magro, gordo, etnia, feio, bonito, pessoa com deficiência, entre outros) foram mais propensos a sofrerem *bullying* (Alexius et al., 2019).

4.5. Imagem Corporal

Existem vários conceitos de imagem corporal associados a diferentes perspectivas, e, apesar de inúmeras concepções, algumas se destacam mais entre os estudos. O conceito de imagem corporal inicialmente foi descrito como um fenômeno psicológico pelo alemão Paul

Schilder. De acordo com Schilder (1999, p. 7), “entende-se por imagem corporal a figuração de nosso corpo formada em nossa mente; ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós”. Esta imagem não é fixa, devido às relações fisiológicas, psicológicas, sociais e culturais. Desta maneira, o corpo se encontra em contínua relação com o mundo e consigo mesmo, resultando em permanente transformação a imagem corporal (Schilder, 1999).

Cash e Pruzinsky (1990), citados por Barros (2005), desenvolveram um conceito amplo com sete afirmações sobre a imagem corporal, que não se restringe a apenas um aspecto:

1. Imagem corporal refere-se às percepções, aos pensamentos e aos sentimentos sobre o corpo e suas experiências. Ela é uma experiência subjetiva.
2. Imagens corporais são multifacetadas. Suas mudanças podem ocorrer em muitas dimensões.
3. As experiências da imagem corporal são permeadas por sentimentos sobre nós mesmos. O modo como percebemos e vivenciamos nossos corpos relata como percebemos a nós mesmos.
4. Imagens corporais são determinadas socialmente. Essas influências sociais prolongam-se por toda a vida.
5. Imagens corporais não são fixas ou estáticas. Aspectos de nossa experiência corporal são constantemente modificados.
6. As imagens corporais influenciam o processamento de informações, sugestionando-nos a ver o que esperamos ver. A maneira como sentimos e pensamos o nosso corpo influencia o modo como percebemos o mundo.
7. As imagens corporais influenciam o comportamento, particularmente as relações interpessoais (Cash e Pruzinsky, 1990 citado em Barros, 2005, p.551-552)

Tavares (2003, p. 27) afirma que “[...] a imagem corporal é a maneira pela qual nosso corpo aparece para nós mesmos. É a representação mental do nosso próprio corpo”, ou seja, é como o indivíduo se percebe e se autoavalia em relação ao seu próprio corpo. Quando essa imagem é distorcida ou apresenta alguma deficiência ou deformidade, pode gerar bloqueios psicológicos.

Segundo Adami, Fernandes, Frainer e Oliveira (2005), a autoimagem é um fenômeno complexo que envolve fatores afetivos, cognitivo e socioculturais. Está relacionado com o conceito de si próprio com base nas influências das dinâmicas interações entre o ser e meio em que ele vive.

As desordens com relação à imagem corporal podem ser explicadas por meio das teorias perceptuais e subjetivas. Teorias perceptuais discorrem sobre como o indivíduo se percebe a respeito do seu tamanho e da forma corporal, ocorrendo a distorção desta percepção. Nas teorias subjetivas, os aspectos principais são os comportamentos e sentimentos sobre o corpo, desta maneira, os acontecimentos na infância e na adolescência que estão relacionados às desordens de imagem corporal são investigados (Heinberg, 1996).

De acordo com Smolak e Levine (2001), a imagem corporal é formada por dois componentes: a estima corporal e insatisfação corporal. A primeira é referente a quanto a criança aprecia o seu corpo de forma integral, incluindo vários aspectos relacionados a características físicas de forma geral. A segunda pode ser compreendida com uma autoavaliação negativa do próprio corpo, especialmente com relação ao peso, a aparência do corpo e gordura corporal. O nível de insatisfação com a imagem corporal pode interferir em alguns aspectos na vida do indivíduo com relação à sua autoestima, ao desempenho físico, intelectual, relações sociais e condutas alimentares.

As condutas alimentares podem caracterizar-se em distúrbios alimentares, apresentando-se a bulimia e a anorexia como os principais problemas da alimentação. Na bulimia, o indivíduo faz a ingestão exagerada de alimentos, seguida de vômitos forçados ou a utilização de diuréticos e laxantes. Já na anorexia ocorre a busca desenfreada por um corpo magro, provocando uma perda de peso acima do considerado saudável, utilizando-se diferentes e extremos recursos para tal finalidade (Grando, 2000).

A autoimagem pode diferenciar entre meninos e meninas. No estudo longitudinal de Gardner, Friedman e Jackson (1999) com estudantes do sexo feminino e masculino de 6 a 13 anos, apresentou-se que meninas mostram uma contínua diferença comparadas aos meninos para uma maior imagem corporal percebida e ideal durante os anos. Na pesquisa de Pereira, Guimarães, Souza e Pedro (2016), realizada em duas escolas - sendo uma pública e a outra

privada -, com adolescentes cursando 1º e 2º grau, foi observada uma maior insatisfação do sexo feminino de ambas as escolas, e, especialmente entre as adolescentes classificadas como eutróficas e de escola pública, foi observada uma grave insatisfação corporal em 19,4%.

Assim, estudos mostram a insatisfação corporal de crianças e adolescentes com excesso de peso, a dificuldade de se inserir em grupos e o sofrimento resultado do preconceito e a não adequação social diante dos padrões de beleza determinados pela sociedade (Borges et al., 2018)

Borges et al. (2018), no estudo com crianças obesas de 6 a 10 anos, observaram através dos questionamentos com a escala de silhueta, que a maioria dos participantes demonstrou insatisfação com sua forma física, descontentamento que ficou perceptível principalmente ao compararem o corpo atual com o corpo desejado.

Ferriani, Dias, Silva e Martins (2005) realizaram uma pesquisa com adolescentes obesos entre 10 e 13 anos, com o objetivo de identificar a percepção do adolescente obeso com relação ao seu corpo e como isso reflete na sua vida social. Constataram que os adolescentes obesos demonstraram sentimentos de conflito com relação ao seu corpo, ocasionando insatisfação corporal e sentimentos de angústia e rejeição sobre seu corpo, vivenciando na escola e até mesmo na família experiências estigmatizantes a respeito do seu peso.

O *bullying* é fator associado à insatisfação corporal. Segundo Brixval, Rayce, Rasmussen, Holstein e Due (2012), jovens que estão insatisfeitos com sua imagem corporal devido ao excesso de peso ou por magreza estão mais expostos ao *bullying*, e quanto mais distante do tamanho corporal desejado, maior o risco de se sofrer *bullying*.

Rech et al. (2013), avaliando escolares dos 6º ano da cidade de Caxias do Sul, RS, encontraram 18% de escolares insatisfeitos com a imagem corporal; as crianças que indicaram insatisfação corporal apresentaram três vezes maiores chances de serem vítimas de *bullying* e duas vezes maiores chances de serem agressores comparados aos satisfeitos.

Silva et al. (2020) realizaram um estudo com o intuito de investigar a prevalência e os fatores de comportamentos de provocações e controle de peso associado à insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. Participaram 580 adolescentes com idade entre 11 e 17 anos, de Criciúma, SC. Os resultados levaram a concluir que 48,6 estavam insatisfeitos com o excesso de peso (sexo masculino 47,9%, feminino 49,3%) e 22,9% insatisfeitos com a magreza (23,8% masculino, 22,1% feminino). Os meninos insatisfeitos devido ao excesso de peso estavam mais sujeitos a sofrerem chacotas sobre sua aparência; em contrapartida, aqueles insatisfeitos com a magreza eram mais propensos a zombar pela aparência, comparados aos indivíduos satisfeitos com sua imagem corporal. As meninas insatisfeitas devido ao excesso de peso eram mais suscetíveis a serem alvos de chacotas por serem descoordenadas; ao passo que meninas insatisfeitas por serem magras eram mais propensas a serem alvos de chacotas por sua aparência e serem descoordenadas, comparadas às meninas que estão satisfeitas com a imagem corporal.

5. MÉTODO

5.1. Delineamento

Trata-se de um delineamento descritivo não probabilístico, envolvendo alunos regularmente matriculados no 7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, de escolas de ensino público da cidade de Dourados, MS, Brasil.

5.2. Participantes

Em decorrência da pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2), causador da COVID-19, não foi possível realizar o cálculo amostral para determinar uma amostra da população de estudantes de modo probabilístico. A autora desta pesquisa utilizou amostragem por meio de seleção de conveniência, através da rede de contato com professores que atuam na educação básica. Foram lhes encaminhado o link do questionário a ser respondido, utilizando a técnica *snowball*.

A técnica Bola de Neve é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais, onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que, por sua vez, indicam novos participantes, e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (Baldin e Munhoz, 2011). Estima-se que 1.500 alunos receberam o link do questionário entre os meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2020, havendo uma taxa de 8% de retorno, totalizando 115 estudantes, sendo 24 categorizados como vítimas de *bullying*.

O perfil dos participantes indicou 60,3% estudantes do ensino médio, idade entre 12 e 18 anos, com média de idade 15,2 anos. Do total da amostra, 55,7% eram do sexo feminino, 82,5% se declararam heterossexuais, 46,1% pertencem à religião evangélica, 61,7% são filhos de pais casados e 52,2% se declararam não brancos.

5.3. Instrumentos

Objetivo específico 1

Com o intuito de verificar os alunos vítimas de *bullying*, foi utilizado o Questionário de *Bullying* de Olweus (QBO) – versão da vítima, criado por Olweus (1996), que tem tradução e validade de constructo ($\alpha = 0,85$) realizado por Gonçalves et al. (2016). O questionário é constituído de 23 itens de vitimização, e possui 3 categorias de respostas, que variam de (1) “Nenhuma vez”, (2) “Uma ou duas vezes por mês”, (3) “Uma ou mais vezes por semana”, conforme anexo A.

Uma limitação a ser considerada nos estudos envolvendo diagnóstico de vitimização de *bullying* é a interpretação dos resultados. Conforme aponta Levandoski (2009, p. 60), “Uma grande limitação é acreditar que os instrumentos irão fornecer um resultado sem erro, ou que ele aponte fielmente os alunos com características de agressores e vítimas”. Os instrumentos para diagnóstico pontuam alguns informações-chave e indicam fatores de vulnerabilidade, onde

existem situações de vitimização, mas não necessariamente indicam uma ação de *bullying*, que deve estar associada à frequência de ocorrência deste fato.

Assim, em conjunto do questionário foram incluídas outras perguntas para auxiliar na obtenção de um diagnóstico de vitimização que se diferencia de atos isolados de violência:

1. Quantas vezes você sofreu *bullying* na escola antes da Pandemia Covid- 19?
 - () Não sofri *bullying* na escola antes da pandemia da Covid- 19.
 - () 1 ou 2 vezes por semana.
 - () Várias vezes por semana
2. Por qual motivo você acha que eles fazem isso?
3. Quantas vezes você sofreu *bullying* em casa no início da pandemia da Covid-19?
 - () Não sofri *bullying* em casa no início da pandemia da Covid-19.
 - () Só 1 ou 2 vezes por semana
 - () Várias vezes por semana.
4. Você se sentiu mais seguro em casa para não sofrer *bullying* no início da pandemia da Covid-19?
 - () Sim
 - () Não
 - () Não sofria *bullying* antes da pandemia

Objetivo específico 2

O Índice de Massa Corporal foi obtido utilizando-se o cálculo: $IMC = \text{massa corporal (kg)}/\text{estatura (m)}^2$, através de informação autorreferida cuja validade é apontada por Rech et al. (2008), adotando-se os critérios estabelecidos por Conde e Monteiro (2006), para definir os limites de baixo peso, excesso de peso e obesidade na população de referência brasileira em diferentes faixas etárias.

Objetivo específico 3

Para verificar o nível da satisfação ou insatisfação da imagem corporal percebida e a ideal, foi utilizada a escala de silhueta corporal proposta por Stunkard, Sorenson e Schlusinger (1983) a qual representa um *continuum* entre um estado de magreza (item 1) até um estado e obesidade (item 9), ilustrados na Figura 1.

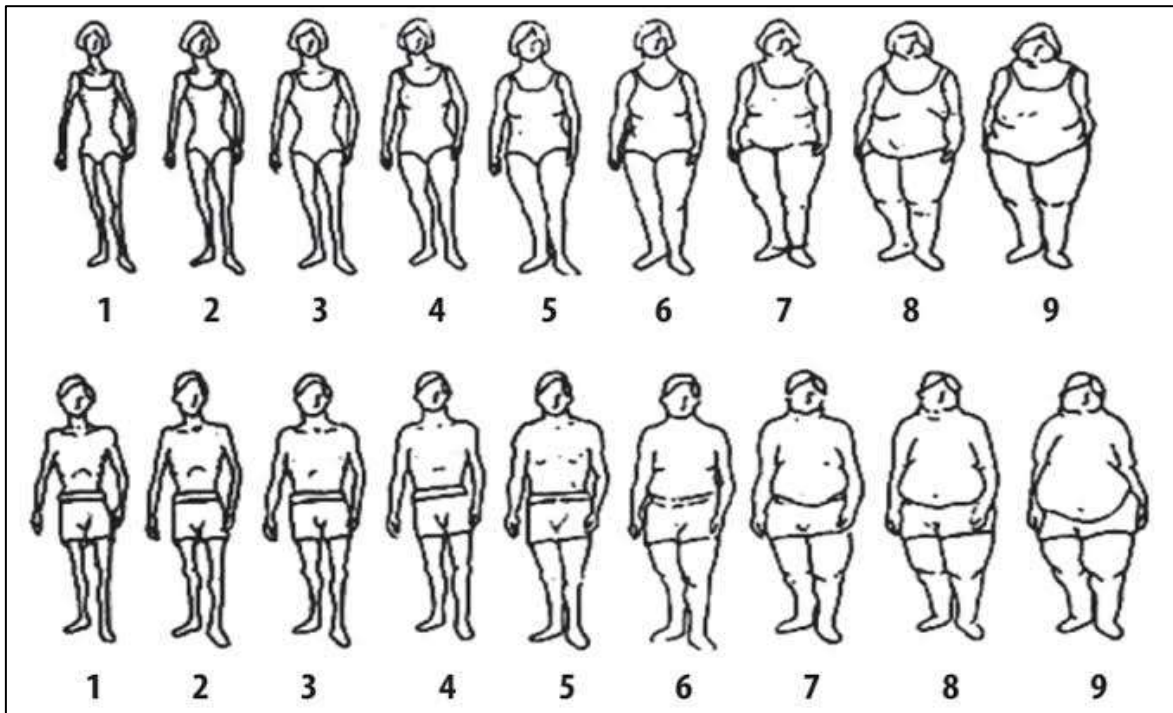


Figura 1. Escala da Silhueta Corporal de Stunkard, Sorenson e Schlusinger (1983).

Nesta avaliação, o indivíduo escolhe o número da silhueta que considera semelhante à sua aparência corporal percebida, bem como o número da silhueta que acredita ser a sua aparência corporal ideal.

5.4. Procedimentos

Inicialmente, foi realizado o contato com a direção da escola e com a equipe pedagógica, para a apresentação da proposta de pesquisa. Após a autorização, procedeu-se à realização do mesmo procedimento com os docentes do estabelecimento por *WhatsApp*. Caso algum deles não concordasse, o link do questionário não poderia ser encaminhado aos grupos de *WhatsApp* das turmas.

Antes de se iniciar a coleta de dados com o questionário virtual, foi inserido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) virtual, relatando sobre a pesquisa e a intenção da investigação, além da solicitação de autorização para o uso dos dados.

A coleta foi realizada entre os meses de setembro e novembro do ano de 2020. Foram postados nos grupos das salas, pelos professores, *links* do questionário da pesquisa, acompanhados da justificativa sobre importância da colaboração dos alunos para as pesquisas científicas. O questionário que avaliou a Vitimização, o Índice de Massa Corporal (IMC), a Imagem e Percepção Corporal, foi inserido, em sua totalidade, no mesmo formulário do Google, possibilitando que os alunos respondessem a todas as informações em apenas um acesso.

5.5. Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva, utilizando-se os valores de tendência central e dispersão. Após teste de Shapiro-Wilk, foi adotada a análise inferencial não paramétrica, utilizando-se o teste de Qui-quadrado e valor de significância de 5%.

5.6. Questões Éticas

O estudo seguiu as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, elencadas na Resolução n. 466/2012, da Comissão Nacional da Saúde, e foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal da Grande Dourados, sob o número de parecer 1.715.577.

6. RESULTADOS

Objetivo 01 - Do diagnóstico

Para determinar a ocorrência de *bullying* e excluir episódios isolados de ato de violência, foi adotada a confirmação na autodeclaração nos dois instrumentos: questionário de Olweus e perguntas associadas, formuladas pela autora.

Para exemplificar, houve situações em que o participante indicava que vivenciou atos de violência no questionário de Olweus, porém, nas perguntas associadas, afirmava que nunca sofreu *bullying* na escola. Assim, a partir do questionário de Olweus, obtiveram-se 46 participantes com indicativo de possível vitimização, mas, ao usar as perguntas associadas, foram excluídos 22 participantes que responderam “Não sofrer *bullying* na escola antes da pandemia da Covid- 19” nas perguntas 1, 3 e 4, chegando ao total de 24 participantes com autorrelatos claros e objetivos de vitimização envolvendo atitudes agressivas, intencionais, sem motivação evidente na visão do agressor, e que aconteceram de forma repetitiva.

Na Tabela 1, são apresentadas a frequência de respostas, por sexo, das vítimas de *bullying*, através do questionário de Olweus. Quanto aos tipos de *bullying*, os dados revelam que as perguntas com maior frequência de respostas foram a 7 “antes da pandemia da Covid-19 me xingaram”, 73,3% do sexo feminino e 33,3% do sexo masculino, afirmaram uma ou mais vezes por semana. Na pergunta 9, “antes da pandemia da Covid-19 me insultaram por causa de alguma característica física”, 60% do sexo feminino e 44,4% do sexo masculino responderam terem sido insultados, uma ou mais vezes por semana. Com relação à pergunta 12, “antes da pandemia da Covid-19 deram risadas e apontaram para mim”, 53,3% do sexo feminino e 11,1% do sexo masculino declararam uma ou mais vezes por semana. Sobre o questionamento 13, “antes da pandemia da Covid-19 colocaram apelidos em mim que eu não gostei”, 80% das meninas e 55,6% dos meninos apontaram uma ou mais vezes por semana, ressaltando que 20% do sexo feminino alegaram uma ou duas vezes no mês. Na pergunta 16, “antes da pandemia da Covid-19 fui sexualmente assediado(a)”, apenas o sexo feminino respondeu ter sofrido assédio (53,3%), uma ou duas vezes por mês. Na pergunta 17, “antes da pandemia da Covid-19 não me deixaram fazer parte de um grupo de colegas”, 40% do sexo feminino e 11,1% do sexo masculino declararam uma ou mais vezes por semana. Na pergunta 21, “antes da pandemia da

Covid-19 fizeram ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim”, 66,7% do sexo feminino informaram uma ou mais vezes por semana.

Tabela 1 - Frequência de respostas das vítimas de *bullying* através do questionário de Olweus

	Sexo masculino (n=9)			Sexo feminino (n=15)			P
	Nenhuma vez	Uma ou duas vezes por mês	Uma ou mais vezes por semana	Nenhuma vez	Uma ou duas vezes por mês	Uma ou mais vezes por semana	
1- Antes da pandemia da Covid-19 “me deram socos, pontapés ou empurrões”	66,7%	33,3%	-	73,3%	26,7%	-	0,728
2- Antes da pandemia da Covid-19 “puxaram meu cabelo ou me arranharam”	88,9%	11,1%	-	86,7%	13,3%	-	0,873
3- Antes da pandemia da Covid-19 “me ameaçaram”	88,9%	-	11,1%	73,3%	26,7%	-	0,120
4- Antes da pandemia da Covid-19 “fui obrigado(a) a entregar dinheiro ou minhas coisas”	88,9%	11,1%	-	80%	20%	-	0,572
5- Antes da pandemia da Covid-19 “pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas coisas”	77,8%	22,2%	-	66,7%	26,7%	6,7%	0,690
6- Antes da pandemia da Covid-19 “estragaram minhas coisas”	66,7%	22,2%	11,1%	46,7%	33,3%	20%	0,631
7- Antes da pandemia da Covid-19 “me xingaram”	11,1%	55,6%	33,3%	6,7%	20%	73,3%	0,149
8- Antes da pandemia da Covid-19 “me insultaram por causa da minha cor ou raça”	66,7%	22,2%	11,1%	60%	13,3%	26,7%	0,619
9 – Antes da pandemia da Covid-19 “me insultaram por causa de alguma característica física”	22,2%	33,3%	44,4%	6,7%	33,3%	60%	0,512
10- Antes da pandemia da Covid-19 “fui humilhado(a) por causa da minha orientação sexual ou trejeito”	77,8%	11,1%	11,1%	93,3%	6,7%	-	0,376
11- Antes da pandemia da Covid-19 “fizeram	55,6%	33,3%	11,1%	80%	6,7%	13,3%	0,235

zoações por causa do meu sotaque”								
12- Antes da pandemia da Covid-19 “deram risadas e apontaram para mim”	33,3%	55,6%	11,1%	6,7%	40%	53,3%	0,023*	
13- Antes da pandemia da Covid-19 “colocaram apelidos em mim que eu não gostei”	11,1%	33,3%	55,6%	-	20%	80%	0,281	
14- Antes da pandemia da Covid-19 “fui encurralado(a) ou colocado(a) contra a parede”	88,9%	11,1%	-	80%	13,3%	6,7%	0,713	
15- Antes da pandemia da Covid-19 “fui perseguido(a) dentro ou fora da escola”	88,9%	-	11,1%	66,7%	20%	13,3%	0,334	
16- Antes da pandemia da Covid-19 “fui sexualmente assediado(a)”	100%	-	-	46,7%	53,3%	-	0,009*	
17- Antes da pandemia da Covid-19 “não me deixaram fazer parte de um grupo de colegas”	33,3%	55,6%	11,1%	33,3%	26,7%	40%	0,239	
18- Antes da pandemia da Covid-19 “me ignoraram completamente, me deram "gelo"”	33,3%	44,4%	22,2%	13,3%	46,7%	40%	0,445	
19- Antes da pandemia da Covid-19 “inventaram que peguei coisas dos colegas”	55,6%	33,3%	11,1%	73,3%	20%	6,7%	0,670	
20- Antes da pandemia da Covid-19 “disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família”	33,3%	44,4%	22,2%	13,3%	60%	26,7%	0,503	
21- Antes da pandemia da Covid-19 “fizeram ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim”	44,4%	55,6%	-	6,7%	26,7%	66,7%	0,001*	
22- Antes da pandemia da Covid-19 “fui forçado(a) a agredir outro(a) colega”	100%	-	-	93,3%	6,7%	-	0,429	
23- Antes da pandemia da Covid-19 “usaram da internet ou celular para me agredir”	77,8%	22,2%	-	53,3%	26,7%	20%	0,304	

Fonte: A autora (2020)

Percebe-se que os principais tipos de vitimização foram agressões verbais, como xingamentos que afetam a moralidade, o uso de alguma característica física para dar vazão à agressão, risos, apelidos, exclusão social e fofocas, sendo o maior percentual entre o sexo feminino. Importante destacar que um mesmo aluno poderia ter sido vítima de mais de um tipo de *bullying*. Foram encontradas diferenças significativas entre os sexos nas perguntas 12, 16 e 21, mostrando uma maior vitimização das meninas do que os meninos em relação a estas ações. Nas outras situações de vitimização, não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos.

Tabela 2 - Comparação entre o sexo e as frequências de respostas das perguntas associadas para auxiliar na obtenção de um diagnóstico de vitimização

1- Quantas vezes você sofreu bullying na escola antes da pandemia da Covid- 19?					
Sexo masculino (n=9)			Sexo feminino (n=15)		
Não sofreu bullying na escola antes da pandemia da Covid- 19	1 ou 2 vezes por semana	Várias vezes por semana	Não sofreu bullying na escola antes da pandemia da Covid- 19	1 ou 2 vezes por semana	Várias vezes por semana
-	2 (22,2%)	7 (77,7%)	-	1 (6,6%)	14 (93,3%)
2- Por qual motivo você acha que eles fazem isso?					
Sexo masculino (n=9)			Sexo feminino (n=15)		
• Eles fazem isso para que seu status seja elevado	4 (44,4%)		• Eles fazem isso para que seu status seja elevado	7 (46,6%)	
• Sou objeto ou motivo de divertimento	2 (22,2%)		• Minha aparência	3 (20%)	
• Não sabe	1 (11,1%)		• Não sabe	2 (13,3%)	
• Ser negro	1 (11,1%)		• Sou objeto ou motivo de divertimento	1 (6,6%)	
• Deficiência física	1 (11,1%)		• Meu sotaque	1 (6,6%)	
3- Quantas vezes você sofreu bullying em casa no início da pandemia da Covid- 19?					
Sexo masculino (n=9)			Sexo feminino (n=15)		
Não sofreu bullying em casa no início Pandemia Covid- 19	Só 1 ou 2 vezes	Uma vez por semana	Não sofreu bullying em casa no início da Pandemia Covid- 19	Só 1 ou 2 vezes	Uma vez por semana
7 (77,8%)	2 (22,2%)	-	11 (78,6%)	2 (14,3%)	1 (7,1%)
4- Você se sentiu mais seguro em casa para não sofrer bullying no início da pandemia da Covid- 19?					
Sexo masculino (n=9)			Sexo feminino (n=15)		
Sim	Não		Sim	Não	
8 (88,9%)	1 (11,1%)		12 (85,7%)	2 (14,3%)	

Fonte: A autora (2020)

A Tabela 2 apresenta as frequências de respostas das perguntas associadas, criada para auxiliar na obtenção de um diagnóstico de vitimização. Os resultados apontaram maior frequência, em relação à identificação das vítimas de *bullying*, de estudantes do sexo feminino 15 (62,5%) comparado ao sexo masculino 9 (37,5%).

Quando perguntados “por qual motivo você acha que eles fazem isso?”, os dados demonstraram haver diferenças mínimas das respostas, entre os sexos. Devido a esta paridade de respostas, considera-se que esse dado pode ser visto como uma manifestação cultural, independentemente da separação entre meninos e meninas. Sobre a motivação que levam os agressores a praticarem *bullying*, do ponto de vista das vítimas, 46,6% das meninas e 44,4% dos meninos responderam que “eles fazem isso para que seu status seja elevado”.

Entre as diversas situações negativas que o distanciamento social ocasionou na vida cotidiana no início da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) causador da COVID-19, foi avaliado como positivo para os alunos vítimas de *bullying*. Neste estudo, ao serem indagados sobre “Quantas vezes você sofreu *bullying* em casa no início da pandemia da Covid-19?” e “Você se sentiu mais seguro em casa para não sofrer *bullying* no início da pandemia da Covid-19?”, foi constatado que 79,2 % não sofreram nenhum tipo de vitimização no início da pandemia e 87,5 % das vítimas sentiram-se mais seguras em suas casas, o que indica que a pandemia foi uma barreira protetora das vitimizações ocasionada no meio escolar.

Tabela 3 - Frequência de vitimização em decorrência da obesidade ou sobrepeso

IMC*	Sexo masculino (n=51)		p**	Sexo Feminino (n=64)		p**
	Vítima (n=9)	Não vítima (n=42)		Vítima (n=15)	Não vítima (n=49)	
Abaixo da normalidade	-	4 (11,1%)		2 (14,3%)	2 (4,1%)	
Dentro da normalidade	6 (66,7%)	20 (55,6%)	0,73	6 (42,9%)	30 (61,2%)	0,53
Sobrepeso	3 (33,3%)	12 (33,3%)		6 (42,9%)	17 (34,7%)	

*(Classificação do IMC de acordo com Conde e Monteiro, 2006);

** Teste de Quiquadrado

Na Tabela 3, foi verificado que 9 alunos (3 meninos e 6 meninas) identificados como vítimas de *bullying* se enquadram na classificação de sobrepeso e obesidade. Entretanto, deste total, apenas 3 estudantes relataram qualitativamente relatos retrospectivos de vitimização a partir desta condição corporal:

“Sofri muita gordofobia e homofobia, prefiro não dar detalhes sobre isso. Apenas que na minha nova escola, eu não sofri nenhum *bullying* até agora”.

“Desde pequena sempre sofri com o *bullying* por ser uma criança e ainda por cima menina gorda. Então, sempre ocorreu aqueles comentários que me deixaram constrangida. Com o tempo pensava "as pessoas crescem e amadurecem ", mas foi aí que quebrei a cara, pois as piadas sem graça sobre meu jeito de falar e sobre meu corpo apenas piorou e me sentia feia, sem graça e muito triste, pois os apelidos me faziam olhar no espelho e me senti da forma que eles me descreviam "olha a gordona... quem vai querer ela?", "olha a bunda quadrada" "olha a beiçola", isso tudo mexe com a nossa estrutura física e mental. Muitas vezes eu sentia raiva, porém na maioria das vezes eu sentia vergonha ao ponto de me esconder dentro dos armários da escola ou em qualquer lugar que ninguém pudesse me achar e zombar de mim. Passar do tempo os comentários ofensivos não vinha apenas de meninos, mas também de algumas meninas, onde elas diziam que precisava deixar de ser gorda, pois assim não dava para andar com elas.

“Me chamavam de gorda, feia, ridícula”.

Através do teste de Quiquadrado analisado pelo Exato de Fisher, os resultados não foram significativos ao analisar as variáveis satisfação, a percepção da imagem corporal, em conjunto de sua classificação no IMC, não apresentaram diferença significativa entre vítimas e os demais sujeitos da amostra que não foram identificados como vítima ($p=0,53$) para as meninas e ($p=0,73$) para os meninos, ou seja, a hipótese de que a satisfação com a imagem corporal e sua classificação do IMC possam apresentar uma característica anormal que seja justificada uma ação de *bullying* não foi constatada, como descrito na Tabela 3.

Na Tabela 4, observa-se que 7 alunos (1 menino e 6 meninas) identificados como vítimas demonstraram insatisfeitos com sua imagem corporal, pelo excesso de peso, demonstrando que o sexo feminino apresentou maior insatisfação ao excesso de peso corporal. Com relação à

insatisfação pela magreza, 8 alunos (4 meninos e 4 meninas) apresentaram o desejo de aumentar a silhueta corporal.

Tabela 4 - **Vitimização em decorrência da satisfação à imagem corporal**

Avaliação da Imagem Corporal	Sexo masculino (n=51)		p*	Sexo Feminino (n=64)		p*
	Vítima (n=9)	Não vítima (n=42)		Vítima (n=15)	Não vítima (n=49)	
Insatisfeito (reduzir silhueta corporal)	1 (11,1%)	14 (33,3%)	0,93	6 (40,0%)	21 (42,9%)	0,39
Satisfeito	4 (44,4%)	10 (23,8%)		5 (33,3%)	9 (18,4%)	
Insatisfeito (aumentar silhueta corporal)	4 (44,4%)	18 (42,9%)		4 (26,7%)	19 (38,8%)	

* Teste de Quiquadrado

7. DISCUSSÃO

Este estudo objetivou analisar os registros de ocorrências de vitimização de *bullying* em escolares com diferentes padrões corporais no município de Dourados, MS. A associação entre ser vítima de *bullying* e o sexo do aluno indica as meninas como mais propensas à vitimização.

Em contrapartida, a maioria das investigações da área - Malta et al. (2019); Mello et al. (2019); Marcolino et al. (2018); Santos et al. (2014) - apontam maior prevalência de vitimização entre os estudantes do sexo masculino, o que difere dos resultados deste estudo, porém entre os meninos a agressão física é a forma de *bullying* mais frequente, portanto, mais direta e visível, o que pode acarretar a maior propensão, enquanto as meninas sofrem *bullying* na grande maioria de forma verbal e exclusão, uma forma indireta que dificulta a visibilidade e a percepção do fenômeno.

Prevalências distintas podem ser justificadas pelo uso de metodologias diferentes, como o delineamento do estudo, idade, amostragem, instrumentos, a maneira utilizada para caracterizar o fenômeno *bullying* de acordo com o período e frequência, além das características

culturais. Posto isto, é importante destacar que, nesta pesquisa, houve uma maior participação do sexo feminino 62,5%, o que pode justificar o maior número de vitimização das estudantes.

Com relação à natureza das agressões ocorridas, observou-se uma maior frequência daquelas de natureza verbal, destacando-se apelidos, xingamentos e insultos em função de alguma característica física, seguida do *bullying* social e do físico, achados semelhantes aos descritos em diferentes pesquisas, como Santos, Cabral-Xavier, Paiva e Leite-Cavalcanti (2014), Continente, Giménez e Adell (2010).

Os estudos de Marcolino et al. (2018), Sampaio et al. (2015), Bandeira e Hutz (2012), Moura et al. (2012) corroboram os resultados, pois o *bullying* verbal também foi prevalente. Essa tipologia é vista muitas vezes como “brincadeiras” ou “comportamentos típicos de adolescentes” na fase escolar, não sendo identificada como agressão, desta forma, naturalizando-se o ato dentro das escolas. Segundo Bandeira e Hutz (2012), com o avanço da idade, o *bullying* verbal se torna mais comum entre os indivíduos de ambos os sexos. Frequentemente, essas ações não são notadas pelos adultos que convivem com os adolescentes, tanto no ambiente escolar quanto familiar. Muitas vezes, acredita-se que os ataques físicos, por deixarem marcas visíveis, sejam mais sérios que as agressões verbais, no entanto, as marcas deixadas pelo *bullying* verbal não são evidentes, porém são graves.

Quanto às diferenças entre os sexos, os dados desta pesquisa demonstram que as meninas sofreram mais agressões verbais que os meninos, com diferença significativa entre os sexos para a questão “deram risadas e apontaram para mim” ($p > 0,05$). Sharp e Smith (1991) afirmam que as formas de *bullying* sofridas por meninas e meninos são diferentes, pois elas apresentam modos mais sutis de *bullying*, como agressão verbal, insultos, fofocas e apelidos, enquanto os meninos tendem à agressão física e/ou verbal.

Com relação ao *bullying* social, os resultados deste estudo apontaram as meninas como maiores vítimas e, comparada aos meninos, houve diferença significativa na questão “fizeram

ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim” ($p > 0,05$), havendo maior vitimização do sexo feminino. Uma das possíveis justificativas sobre as diferenças de comportamentos de vitimização entre meninas e meninos pode ser cultural. Durante o desenvolvimento dos meninos, desde sua infância até a vida adulta, lhes é cobrada uma postura viril, consolidada por uma sociedade machista, que os incentiva a ter comportamentos hostis em suas relações interpessoais (Taquette, Ruzany, Meirelles, & Ricardo, 2003).

Apenas as meninas (53,3%) relataram terem sido vítimas de assédio sexual, com frequência de uma ou duas vezes ao mês. Este achado corrobora dois estudos de Santos, Mascarenhas, Rodrigues e Monteiro (2018); Gruber e Fineran (2007), no qual crianças e adolescentes do sexo feminino foram mais suscetíveis a serem vítimas de assédio sexual, no ambiente escolar. Vale destacar que a interpretação de assédio sexual pelos estudantes pode não ter sido compreendida de uma forma tão clara, não se reconhecendo vários tipos de abusos sexuais como violência.

Neste estudo, a maioria dos participantes de ambos os sexos afirmou que um dos motivos que pode levar o indivíduo a praticar *bullying* é para elevar seu *status* social. Esses achados assemelham ao estudo de Levandoski e Cardoso (2013), para os quais o perfil de agressor está relacionado à popularidade e ideia de *status* elevado. O *status* elevado dos agressores pode ser um aspecto problemático, pois alunos que presenciam ou se envolvem em situações de *bullying* dentro do ambiente escolar correm o risco de normalizar a violência, como sendo apropriada para o enfrentamento de conflitos ou para obter popularidade entre os colegas (Senra, Lourenço, & Pereira, 2011). Diante disso, os agressores podem compreender seus comportamentos como vantajosos, recusando a mudá-los, o que causa ainda mais dificuldades no combate ao *bullying*.

Sobre o cenário pandêmico da COVID-19 e sofrer *bullying*, os alunos demonstraram sentir-se mais seguros por não irem à escola. Em contrapartida, pesquisas apresentaram a

pandemia como contexto de vulnerabilidade para a violência por causa do isolamento social (Bassan, 2020; Godin, 2020; WHO, 2020). Essas evidências explicam que situações de calamidade podem aumentar a ocorrência de violência contra crianças e adolescentes, em consequência do estresse, devido às preocupações financeiras, incertezas e mortes (Marques, Moraes, Hasselmann, Deslandes, & Reichenheim, 2020).

O ambiente escolar enquanto espaço de construção de conhecimento e interações sociais deve ser um lugar que acolhe, seguro e saudável, em que as crianças e adolescentes possam desenvolver integralmente. Porém, em muitos casos, o que se observa são indivíduos inseguros e amedrontados ao frequentarem este local, em razão da violência que perpassa nas escolas. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1992), deve ser garantido à criança o direito de viver no ambiente seguro, em que o respeito, dignidade e liberdade sejam preservados. Para Laterman (2000), na escola, atitudes como zombar, humilhar e intimidar não devem ser permitidas. O espaço deve propiciar aos indivíduos que aprendam a ter mais empatia pelo próximo e se tornem mais humanos, valores que devem ultrapassar os muros das escolas.

Os resultados deste estudo apontaram ainda que 9 vítimas (39,13%), sendo 3 meninos e 6 meninas, se enquadravam na classificação acima do peso e obesidade. Nesse sentido, o estudo de Alexius et al. (2019) corrobora nossos achados, ao identificarem que os adolescentes de ambos os sexos apresentaram maiores riscos de sofrerem discriminação por estarem sobrepeso ou obesos em comparação àqueles que estavam no seu peso ideal. Resultado semelhante foi encontrado em Berlese et al. (2014), que destacaram que os adolescentes obesos estão mais propensos a sofrerem *bullying* e a escola é o local de maior ocorrência.

A condição de sobrepeso/obesidade, além de ser um problema de saúde pública, é vista como motivo de discriminação; numa sociedade que cultua o corpo esbelto e a aparência física, o indivíduo obeso, por não se encaixar nos padrões impostos, se torna alvo de chacotas por seus

colegas. O relato de uma aluna destaca a violência sofrida pelo indivíduo obeso. Maria, de 17 anos comenta:

“Desde pequena sempre sofri com o *bullying* por ser uma criança e ainda por cima menina gorda. Então sempre ocorreu aqueles comentários que me deixaram constrangida. Com o tempo pensava " as pessoas crescem e amadurecem " mais foi aí que quebrei a cara pois as piadas sem graça sobre meu jeito de falar e sobre meu corpo apenas piorou e me sentia feia, sem graça e muito triste pois os apelidos me faziam olhar no espelho e me senti da forma que eles me descreviam "olha a gordona... quem vai querer ela?", " olha a bunda quadrada " " olha a beijola " isso tudo mexe com a nossa estrutura física e mental. Muitas vezes eu sentia raiva, porém na maioria das vezes eu sentia vergonha ao ponto de me esconder dentro dos armários da escola ou em qualquer lugar que ninguém pudesse me achar e zombar de mim. Passar do tempo os comentários ofensivos não vinha apenas de meninos, mas também de algumas meninas onde elas diziam que precisava deixar de ser gorda pois assim não dava para andar com elas”.

Na investigação de Miziara e Vectore (2014) com indivíduos obesos, destacaram-se os sentimentos raiva e tristeza como mais frequentes, em razão de estarem acima do peso e tornarem-se alvos de zombarias e apelidos insultuosos. Observa-se, no relato de Maria, semelhança no que concerne os sentimentos gerados nas vítimas de *bullying* ao falarem sobre a “tristeza, raiva e vergonha”.

A mídia dita o corpo magro como sendo o padrão da beleza, instigando, cada vez mais, os adolescentes a buscarem se encaixar nesse estereótipo considerado perfeito. Porém, para os indivíduos obesos, essas condições exigidas fazem com que eles rejeitem a si mesmos, causando sentimentos de vergonha e sofrimento em relação ao seu corpo (Ferriani, Dias, & Martins, 2005).

Posto isto, é necessário desenvolver intervenções que vão além de somente cessar tais manifestações, mas que gerem mudanças de atitudes e reflexões diante dos sentimentos negativos que tais ações podem causar ao outro indivíduo. O trabalho de uma equipe

multiprofissional composta por nutricionista, profissional de educação física e psicólogo é essencial dentro do ambiente escolar, principalmente para atender e orientar alunos com um índice de massa corporal elevado, sendo a escola um lugar de escuta, acolhimento, diálogo, orientação e de preparo para uma melhor qualidade de vida.

A partir da escala de silhueta, foi verificado que a maioria dos adolescentes afirmou estar, de alguma maneira, insatisfeita com a sua forma física, conforme a distância entre as figuras apontadas. A insatisfação corporal na adolescência é preocupante, visto que pode levar à adoção de comportamentos alimentares inadequados num período de desenvolvimento e de maior necessidade de ingestão de nutrientes, prejudicando o crescimento somático do adolescente e, posteriormente, a saúde na vida adulta (Gonçalves, 2006).

Os achados deste estudo apontaram que 7 alunos (30,43%), sendo 1 menino e 6 meninas, identificados como vítimas, demonstraram estar insatisfeitos com sua imagem corporal pelo excesso de peso. Resultados semelhantes foram encontrados em outras pesquisas, como Petroski, Pelegrini e Glaner (2012) e A. F. D Silva et al. (2020), nos quais houve maior preocupação neste aspecto do sexo feminino. Petroski, Pelegrini e Glaner (2012) afirmam que a maior insatisfação com a imagem corporal por causa do excesso de peso entre as meninas decorre da tentativa de se enquadrar nos padrões corporais impostos pela mídia e pela sociedade, em que a magreza é vista como corpo ideal (Petroski, Pelegrini, & Glaner, 2012).

Ainda em relação à insatisfação corporal, os dados demonstraram que 8 alunos (34,78%), sendo 4 meninos e 4 meninas vítimas, estavam insatisfeitas com sua imagem corporal pela sua magreza. Kelley, Neufeld e Musher – Eizenman (2010) discorrem que o desejo pelo corpo magro ou com maior musculatura corporal pode se apresentar para os dois sexos, porém, em geral, o sexo masculino tende a interessar-se no ganho de massa muscular, o que representa força, ao passo que a magreza, para eles, é sinônimo de fragilidade. Em contrapartida, o sexo feminino tende a almejar por um corpo magro. Cash e Smolak (2011) afirmam que, no sexo

feminino, a insatisfação pela magreza pode estar relacionada ao aumento de volume muscular em uma determinada região do corpo.

Estudos apontam que adolescentes insatisfeitos com a magreza e com o sobrepeso apresentam maior probabilidade de serem vítimas de *bullying*, segundo A. F. D Silva et al. (2020), Holubcikova, Kolarcik, Geckova, Van Dijk e Reijneveld (2015), Andreolli, e Triches (2019). Por causa da baixa autoestima, problemas sociais e aparência física, tornam-se alvos fáceis. A autoavaliação corporal reflete frustrações e satisfações, possivelmente influenciada por padrões sociais da sociedade, contudo, o que é imposto como corpo ideal não respeita a individualidade biológica do ser humano, o qual, para alcançar tal estereótipo de beleza adota comportamentos de riscos para a saúde (Souto & Ferro-Bucher, 2006).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresenta indicativos de ocorrência do fenômeno *bullying* em escolas do município de Dourados, MS, e os resultados reforçam que as chances de vitimização entre as meninas são mais frequentes entre os escolares, sendo o *bullying* verbal mais prevalente. Entre os participantes que se declararam vítimas de *bullying*, houve os que enquadram na classificação de sobrepeso e obesidade e aqueles que demonstraram insatisfeitos com sua imagem corporal pelo excesso de peso ou insatisfeitos por apresentarem baixo peso.

Os estudos relacionados ao fenômeno têm apresentado a gravidade desta violência, que causa sérios prejuízos emocionais aos envolvidos, como depressão, ansiedade e transtornos de estresse pós-traumático, aumentando-se as probabilidades do suicídio de jovens, entre outros comportamentos. A escola é um espaço de socializar e incluir, portanto, torna-se inaceitável da escola uma postura passiva diante dos estigmas que muitas crianças sofrem no local. Ainda, não é admissível que as diferenças socioculturais ou físicas, de gênero, de raça configurem

razões para zombar ou menosprezar o outro. É relevante lembrar que brincadeira só é brincadeira quando os dois lados se divertem.

Não obstante a literatura presente, neste período da pandemia da COVID-19, um aumento dos casos de violência doméstica, a subnotificação é um critério importante a ser considerado na prevalência de casos. Este estudo indicou que as vítimas de *bullying* da amostra da pesquisa demonstraram sensação de segurança em suas residências, indicando que o distanciamento social na pandemia foi uma barreira protetora nas ações *bullying* escolar. Não foram localizados estudos que evidenciaram este aspecto, o que configura a originalidade desse achado.

Portanto, o *bullying* não deve ser tratado como algo comum na fase escolar, mas ser conferida a devida importância do tema pela escola, família e sociedade, por ser um fenômeno complexo e de difícil solução, que requer luta diária para a sua erradicação. Ainda existe despreparo e falta de interesse da comunidade escolar diante do problema, fato que dificulta o enfrentamento desta violência. A escola deve trabalhar na perspectiva de criar ações multidisciplinares e intersetoriais de maneira contínua, para que haja eficácia.

Os resultados desta pesquisa sinalizam a emergência do desenvolvimento de intervenções que visem incentivar atitudes de paz e valores para um convívio harmônico, fortalecendo relações saudáveis para além da comunidade escolar, voltadas também para o enfrentamento do *bullying* associado a diferentes padrões corporais e imagem corporal, a fim de minimizar os prejuízos causados à saúde.

Desta maneira, ainda que o estudo apresente evidências de grande importância para o meio acadêmico, são necessárias novas pesquisas para se compreender melhor o fenômeno, de outras perspectivas e contextos, para elaborações de intervenções mais eficazes, de acordo com cada realidade. Salienta-se que este estudo possui as seguintes limitações: 1) estudo regional, sendo indispensável estendê-lo para outros contextos; 2) o desenho transversal, que não permite

relação de causa e efeito; 3) instrumentos como o questionário para coleta de dados, que podem apresentar viés de memória; 4) as figuras de silhueta para a avaliação da imagem corporal, que se limita por ser bidimensional.

Assim como nas atividades curriculares, em que os alunos demonstravam desinteresse e resistência para fazê-las, esta investigação encontrou dificuldades para uma colaboração mais efetiva por parte dos alunos, não havendo o retorno estimado dos questionários encaminhados pelos professores aos estudantes. Foi um trabalho de persistência e esperança, de modo que os alunos colaborassem.

REFERÊNCIAS

- Adami, F., Fernandes, T. C., Frainer, D. E. S., & Oliveira, F. D. (2005). Aspectos da construção e desenvolvimento da imagem corporal e implicações na Educação Física. *Revista Digital de Buenos Aires*, 83.
- Alexius, S. L., Mocellin, M. C., Corrêa, E. N., Neves, J. D., Vasconcelos, F. D. A. G. D., & Corso, A. C. T. (2019). Evidences of the association between individual attributes and bullying: a cross-sectional study with adolescents from Florianópolis, Santa Catarina State, Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(12), e00118617. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00118617>
- Almeida, A., Lisboa, C., & Caurcel, M. J. (2007). ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(2), 107-118.
- Alves, L. (2020). Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas-Educação*, 8(3), 348-365. doi: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365.
- Andreolli, A. S., & Triches, R. M. (2019). Insatisfação corporal, bullying e fatores associados em adolescentes. *Ciência & Saúde*, 12(3), e33077-e33077. doi: 10.15448/1983-652X.2019.3.33077
- Araújo, C. D. S., & Da, S. L. (2011). Bullying Na Escola: Essa Brincadeira Não Tem Graça. V *Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade". São Cristovão, Brasil*. Recuperado de: <http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%2014/PDF/Microsoft%20Word%20-%20BULLYING%20NA%20ESCOLA.pdf>
- Bacchini, D., Licenziati, M. R., Garrasi, A., Corciulo, N., Driul, D., Tanas, R., ... & Maltoni, G. (2015). Bullying and victimization in overweight and obese outpatient children and adolescents: an Italian multicentric study. *PLoS One*, 10(11), e0142715. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0142715>
- Bandeira, C. D. M., & Hutz, C. S. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 35-44. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>
- Barros, D. D. (2005). Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 12(2), 547-554. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000200020>
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In *Congresso Nacional de Educação*, 10, 329-341.
- Bassan, P. (2020, março 23). Casos de violência doméstica no RJ crescem 50% durante confinamento. *GI Globo*. Recuperado de <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/23/casos-de-violencia-domestica-no-rj-crescem-50percent-durante-confinamento.ghtml>
- Beane, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles* (D.G. Isidoro, Trad.). Rio de Janeiro: BestSeller.

- Berlese, D., Renner, J., Sanfelice, G., Pedde, V., & Isaias, H. (2014). Ocorrência de bullying em adolescentes obesos em tratamento hospitalar. *Perspectiva*, 38(141), 21-32.
- Borges, F., Barreto, M. D. S., Reis, P. D., Vieira, C. S., & Marcon, S. S. (2018). Percepções e atitudes de crianças que vivenciam a obesidade. *Rev Rene (Online)*, e3261-e3261.
- Botelho, R. G., & Souza, J. M. C. (2007). Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 139, 58-70.
- Brasil. *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266
- Brito, C. C., & Oliveira, M. T. (2013). Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas. *Jornal de Pediatria*, 89(6), 601-607. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2013.04.001>
- Brixval, C. S., Rayce, S. L., Rasmussen, M., Holstein, B. E., & Due, P. (2012). Overweight, body image and bullying - an epidemiological study of 11-to 15-years olds. *The European Journal of Public Health*, 22(1), 126-130. doi: 10.1093/eurpub/ckr010
- Cano-Echeverri, M. M., & Vargas-Gonzalez, J. E. (2018). Actores del acoso escolar. *Revista Médica de Risaralda*, 24(1), 60-66.
- Carvalhosa, S. F., Lima, L., & Matos, M. G. (2001). Bullying—A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise psicológica*, 19(4), 523-537. doi: 10.14417/ap.384
- Cash, T. F., & Smolak, L. (2011). *Body image: A handbook of science, practice, and prevention* (2nd ed.). New York, NY: The Guilford Press.
- Coloroso, B. (2004). *The Bully, the bullied and the bystander: from preschool to high school – how parents and teachers can help break the cycle of violence*. New York: Harper Collins Publishers.
- Conde, W. L., & Monteiro, C. A. (2006). Body mass index cutoff points for evaluation of nutritional status in Brazilian children and adolescents. *Jornal de pediatria*, 82(4), 266-272. doi: <https://doi.org/10.2223/JPED.1492>
- Constantini, A. (2004). *Bullying: como combatê-lo?* São Paulo: Itália Nova.
- Continente, X. G., Giménez, A. P., & Adell, M. N. (2010). Factores relacionados con el acoso escolar (bullying) en los adolescentes de Barcelona. *Gaceta Sanitaria*, 24(2), 103-108. doi: 10.1016/j.gaceta.2009.09.017
- Cruz, D. M. C. D., Silva, J. T., & Alves, H. C. (2007). Evidências sobre violência e deficiência: implicações para futuras pesquisas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 13(1), 131-146. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382007000100009>
- Farhat, T., Iannotti, R. J., & Simons-Morton, B. G. (2010). Overweight, obesity, youth, and health-risk behaviors. *American journal of preventive medicine*, 38(3), 258-267. doi:10.1016/j.amepre.2009.10.038

- Ferriani, M. D. G. C., Dias, T. S., Silva, K. Z. D., & Martins, C. S. (2005). Auto-imagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 5(1), 27-33. doi: <https://doi.org/10.1590/S1519-38292005000100004>
- Francisco, M. V., & Libório, R. M. C. (2009). Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 22(2), 200-207. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200005>.
- Freire, I. P., Simão, A. M. V., & Ferreira, A. S. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183.
- Gardner, R. M., Friedman, B. N., & Jackson, N. A. (1999). Body size estimations, body dissatisfaction, and ideal size preferences in children six through thirteen. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(5), 603-618.
- Geel, M. van, Vedder, P., & Tanilon, J. (2014). Are overweight and obese youths more often bullied by their peers? A meta-analysis on the relation between weight status and bullying. *International Journal of Obesity*, 38(10), 1263-1267. doi: 10.1038/ijo.2014.117
- Godin, M. (2020, março 18). As cities around the world go on lockdown, victims of domestic violence look for a way out. *Time*. Recuperado de <https://time.com/5803887/coronavirus-domestic-violence-victims/>
- Goffman, E. E. (1988). *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gonçalves, F. G., Heldt, E., Peixoto, B. N., Rodrigues, G. A., Filipetto, M., & Guimarães, L. S. P. (2016). Construct validity and reliability of Olweus bully/victim questionnaire—Brazilian version. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29(1), 27. doi: <https://doi.org/10.1186/s41155-016-0019-7>
- Gonçalves, I. (2006). Hábitos alimentares dos adolescentes. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 22(2), 163-72. doi: 10.32385/rpmgf.v22i2.10227
- Grando, L. H. (2000). *Representações sociais e transtornos alimentares: as faces do cuidar em enfermagem* (Dissertação de mestrado). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.
- Gruber, J. E., & Fineran, S. (2007). The impact of bullying and sexual harassment on middle and high school girls. *Violence Against Women*, 13(6), 627-643. doi: 10.1177/1077801207301557
- Grossi, M. G. R., Minoda, D. D. S. M., & Fonseca, R. G. P. (2020). Impacto da pandemia do Covid-19 na educação: reflexos na vida das famílias. *Teoria e Prática da Educação*, 23(3), 150-170. doi: <https://doi.org/10.4025/tpe.v23i3.53672>
- Heinberg L. J. (1996) Theories of body image disturbance: Perceptual, development, and sociocultural factors. In Thompson JK. *Body image, eating disorders and obesity: An integrative guide for assessment and treatment*. Washington, DC: American Psychological Association.

- Holubcikova, J., Kolarcik, P., Geckova, A. M., Van Dijk, J. P., & Reijneveld, S. A. (2015). Is subjective perception of negative body image among adolescents associated with bullying? *European journal of pediatrics*, *174*(8), 1035-1041. doi: 10.1007/s00431-015-2507-7
- Janssen, I., Craig, W. M., Boyce, W. F., & Pickett, W. (2004). Associations between overweight and obesity with bullying behaviors in school-aged children. *Pediatrics*, *113*(5), 1187-1194. doi: 10.1542/peds.113.5.1187
- Kelley, C. C. G., Neufeld, J. M., & Musher-Eizenman, D. R. (2010). Drive for thinness and drive for muscularity: Opposite ends of the continuum or separate constructs? *Body Image*, *7*(1), 74-77. doi: 10.1016/j.bodyim.2009.09.008
- Laterman, I. (2000). *Violência e incivildades na escola: nem vítimas nem culpados*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Latner, J. D., & Stunkard, A. J. (2003). Getting worse: the stigmatization of obese children. *Obesity research*, *11*(3), 452-456.
- Levandoski, G. (2009). *Análise de fatores associados ao comportamento bullying no ambiente escolar: Características cineantropométricas e psicossociais* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Levandoski, G., & Cardoso, F. L. (2013). Imagem corporal e status social de estudantes brasileiros envolvidos em bullying. *Revista Latinoamericana de Psicología*, *45*(1), 135-145.
- Lima, C. M. A. D. O. (2020). *Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19)*. *Radiologia Brasileira*, *53*(2), V-VI. doi: <https://doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>
- Lopes, A. A. N. & Saavedra, L. H. (2003). *Diga não para o Bullying - programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: Abrapia.
- Lopes, A. A. N. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, *81*(5), 164-172. doi: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>.
- Lopes, A. A. N. (2011). *Bullying: saber identificar e como prevenir* (1a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Lumeng, J. C., Forrest, P., Appugliese, D. P., Kaciroti, N., Corwyn, R. F., & Bradley, R. H. (2010). Weight status as a predictor of being bullied in third through sixth grades. *Pediatrics*, *125*(6), 1301-1307. doi:10.1542/peds.2009-0774
- Maddox, G. L., Back, K. W., & Liederman, V. R. (1968). Overweight as social deviance and disability. *Journal of health and social behavior*, *9*(4), 287-298. doi: <https://doi.org/10.2307/2948537>
- Malta, D. C., Mello, F. C. M. D., Prado, R. R. D., Sá, A. C. M. G. N. D., Marinho, F., Pinto, I. V., ... & Silva, M. A. I. (2019). Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, *24*(4), 1359-1368. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017>

- Marcolino, E. D. C., Cavalcanti, A. L., Padilha, W. W. N., Miranda, F. A. N. D., & Clementino, F. D. S. (2018). Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 27(1), e5500016. doi:https://doi.org/10.1590/0104-07072018005500016
- Marques, E. S., Moraes, C. L. D., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, e00074420. doi:10.1590/0102-311X00074420
- Mattos, R. S., Perfeito, R., Carvalho, M. C. & Retondar, J. (2012). Obesidade e bullying na infância e adolescência: O estigma da gordura. *Demetra*, 7 (2), pp. 71-84. doi: https://doi.org/10.12957/demetra.2012.3330
- Médici, M. S., Tatto, E. R., & Leão, M. F. (2020). Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. *Revista Thema*, 18, 136-155. doi: https://doi.org/10.15536/thema.V18.Especial.2020.136-155.1837
- Mello, F. C. M., Malta, D. C., Santos, M. G., Silva, M. M. A. D., & Silva, M. A. I. (2018). Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar-2009 a 2015. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 21(Supl.1), e180015. doi: https://doi.org/10.1590/1980-549720180015.supl.1
- Midei, A. J., & Matthews, K. A. (2011). Interpersonal violence in childhood as a risk factor for obesity: a systematic review of the literature and proposed pathways. *Obesity reviews*, 12(5), e159-e172. doi:10.1111/j.1467-789X.2010.00823
- Miranda, O., & Gloria, E. (2018). Alteraciones psicológicas asociadas a la obesidad infantil. *Revista Medica Herediana*, 29(2), 111-115. doi: http://dx.doi.org/https://doi.org/10.20453/rmh.v29i2.3352
- Miziara, A. M. B., & Vectore, C. (2014). Excesso de peso em escolares: percepções e intercorrências na escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(2), 283-291. doi:https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182746
- Moraes, C. L. D., Marques, E. S., Ribeiro, A. P., & Souza, E. R. D. (2020). Violência contra idosos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: contribuições para seu enfrentamento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 4177-4184. doi: 10.1590/1413-812320202510.2.27662020.
- Mortoza, A. S. (2011). *A Obesidade como expressão de questão social: Nutrição e estigma* (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Mota, R. S., Gomes, N. P., Campos, L. M., Cordeiro, K. C. C., Souza, C. N. P. D., & Camargo, C. L. D. (2018). Adolescentes escolares: associação entre vivência de bullying e consumo de álcool/drogas. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 27(3), e 3650017. doi: http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018003650017
- Moura, D. R., Cruz, A. C. N., & Quevedo, L. D. Á. (2011). Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria*, 87(1), 19-23. doi:https://doi.org/10.1590/S0021-75572011000100004

- Oliveira, W. A. D., Silva, M. A. I., Mello, F. C. M. D., Porto, D. L., Yoshinaga, A. C. M., & Malta, D. C. (2015). Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(2), 275-282. doi: 10.1590/0104-1169.0022.2552
- Oliveira, W. K. D., Duarte, E., França, G. V. A. D., & Garcia, L. P. (2020). Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29, e2020044.
- Olweus D. (1996) *The Revised Olweus Bully/Victim Questionnaire*. Bergen: Research Center for Health Promotion.
- Olweus, D. (1978). *Agression in the schools: bullies and whipping boys*. Washington: Hemisphere.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do (Understanding Children's Worlds)*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9(1), 751-780.
- Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - F.C.T.
- Pereira, T. A., Guimarães, M., Souza, E. C. G. de, & Pedro, M. A. D. (2016). Percepção da imagem corporal de adolescentes e sua relação com o índice de massa corporal. *Revista Científica Da Faminas*, 5(1), 64-76.
- Petroski, E. L., Pelegrini, A., & Glaner, M. F. (2012). Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(4), 1071-1077. doi: 10.1590/S1413-81232012000400028
- Pigozi, P. L., & Machado, A. L. (2015). Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11), 3509-3522. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.05292014>
- Puhl, R. M., Peterson, J. L., & Luedicke, J. (2013). Weight-based victimization: Bullying experiences of weight loss treatment-seeking youth. *Pediatrics*, 131(1), e1-e9. doi: 10.1542/peds.2012-1106
- Ramírez, F. C. (2001). Variables de personalidad asociadas en la dinámica bullying (agresores versus víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, 17(1), 37-43.
- Rech, C. R., Petroski, E. L., Böing, O., Babel Júnior, R. J., & Soares, M. R. (2008). Concordância entre as medidas de peso e estatura mensuradas e auto-referidas para o diagnóstico do estado nutricional de idosos residentes no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 14(2), 126-131. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-86922008000200009>
- Rech, R. R., Halpern, R., Tedesco, A., & Santos, D. F. (2013). Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *Jornal de Pediatria*, 89(2), 164-170. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpmed.2013.03.006>

- Ross, M., & Rigby, K. (1996). *Bullying in schools: and what to do about it*. Bristol: Kingsley.
- Sampaio, J. M. C., Santos, G. V., Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., Medeiros, M., & Silva, M. A. I. (2015). Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 24(2), 344-352. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015003430013>
- Santos, J. A. D., Xavier, A. F.C, Paiva, S. M., & Cavalcanti, A. L. (2014). Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista de Salud Pública*, 16(2), 173-183. doi: <http://dx.doi.org/10.15446/rsap.v16n2.30302>
- Santos, M. D. J., Mascarenhas, M. D. M., Rodrigues, M. T. P., & Monteiro, R. A. (2018). Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola-Brasil, 2010-2014. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 27, e2017059. doi: 10.5123/S1679-49742018000200010
- Santos, R. A. dos, Maranhão, T. L. G., & Batista, H. M. T. (2016). Obesidade infantil e abordagens em psicologia: uma revisão da literatura. *Id onLine Revista de Psicologia*, 10(30), 345-375.
- Sawyer, J. L., Mishna, F., Pepler, D., & Wiener, J. (2011). The missing voice: Parents' perspectives of bullying. *Children and Youth Services Review*, 33(10), 1795-1803. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2011.05.010>
- Schilder, P. (1999). *A Imagem do corpo: as energias construtivas da psique* (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Scutti, C. S., Seo, G. Y., Amadeu, R. S., & Sampaio, R. F. (2014). O enfrentamento do adolescente obeso: a insatisfação com a imagem corporal e o bullying. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, 16(3), 130-133.
- Senra, L. X., Lourenço, L. M., & Pereira, B. O. (2011). Características da relação entre violência doméstica e bullying: Revisão sistemática da literatura. *Gerais*, 4(2), 297-309.
- Sharp, S., & Smith, P. K. (1991). Bullying in UK schools: The DES Sheffield bullying project. *Early Child Development and Care*, 77(1), 47-55. doi: 10.1080/0300443910770104
- Silva, A. B. B. (2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Silva, A. F. D., Moraes, M. S., Martins, P. C., Pereira, E. V., Farias, J. M. D., & Silva, D. A. S. (2020). Prevalence of body image dissatisfaction and association with teasing behaviors and body weight control in adolescents. *Motriz: Revista de Educação Física*, 26(1), e10200198. doi: <https://doi.org/10.1590/s1980-6574202000010198>
- Silva, C. S., & Costa, B. L. D. (2016). Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161), 638-663. doi: <https://doi.org/10.1590/198053143888>
- Silva, G. A. da, & Lange, E. S. N. (2017). Imagem corporal: a percepção do conceito em indivíduos obesos do sexo feminino. *Psicologia argumento*, 28(60), 43-54.

- Silva, G. A. P. D., Balaban, G., & Motta, M. E. F. D. A. (2005). Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes de diferentes condições socioeconômicas. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 5(1), 53-59. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292005000100007>
- Silva, J. L. D., Mello, F. C. M. D., Oliveira, W. A. D., Prado, R. R. D., Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2018). Vitimização por bullying em estudantes brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE). *Texto & Contexto-Enfermagem*, 27(3). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018000310017>
- Silva, J. L. D., Oliveira, W. A. D., Mello, F. C. D. M., Prado, R. R. D., Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2019). Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 28(2), e2018178. doi: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742019000200005>
- Smith, PK e Sharp, S. (1994). *School bullying: insights and perspectives*. London: New York: Routledge.
- Smolak L. & Levine M. P. (2001). Body image in children. In: Thompson J. K., Smolak L (Eds.). *Body image, eating disorders and obesity in youth: assessment, prevention and treatment* (p. 41–66). Washington: American Psychological Association. doi:<https://doi.org/10.1037/10404-002>
- Souto, S., & Ferro-Bucher, J. S. N. (2006). Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o desenvolvimento de transtornos alimentares. *Revista de Nutrição*, 19(6), 693-704. doi: 10.1590/S1415-52732006000600006
- Souza, J. M. D., Silva, J. P. D., & Faro, A. (2015). Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(2), 289-298. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837>
- Strauss, C. C., Smith, K., Frame, C., & Forehand, R. (1985). Personal and interpersonal characteristics associated with childhood obesity. *Journal of Pediatric Psychology*, 10(3), 337-343. doi: 10.1093/jpepsy/10.3.337
- Stunkard, A.J., Sorensen, T. & Schulsinger, F. (1983) Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In Kety, S.S., Rowland, L.P., Sidman, R.L. & Matthysse, S.W. *The Genetics of Neurological and Psychiatric Disorders* (pp. 115-120). New York: Raven Press.
- Taquette, S. R., Ruzany, M. H., Meirelles, Z., & Ricardo, I. (2003). Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, 1437-1444.
- Tavares, M.C.G.C.F. (2003). *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento* (1a ed.). Barueri, SP: Manole.
- Valles Jr, R. Q. (2007). *How Successful High School Students Cope With Bullying: A Qualitative Study* (Doctoral Dissertation). Faculty of the Rossier School, Education University of Southern California, Los Angeles, CA.
- Vilelas, J. M. D. S. (2020). O novo coronavírus e o risco para a saúde das crianças. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, (28), e3320. doi: 10.1590/1518-8345.0000.3320

Wang, J., Iannotti, R. J., & Nansel, T. R. (2009). School bullying among adolescents in the United States: Physical, verbal, relational, and cyber. *Journal of Adolescent health, 45*(4), 368-375. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.03.021>

World Health Organization. (2020). COVID-19 and violence against women: what the health sector/system can do. *Geneva: WHO*.

ANEXO A

Additional file 1: Questionário de Bullying de Olweus – Vítima

Assinale com um X a resposta que melhor representa a frequência com que você se envolveu nessa situação *no último mês*.

		Nenhuma vez	Uma ou duas vezes por mês	Uma ou mais vezes por semana
01	Me deram socos, pontapés ou empurrões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
02	Puxaram meu cabelo ou me arranharam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
03	Me ameaçaram	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
04	Fui obrigado(a) a entregar dinheiro ou minhas coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
05	Pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
06	Estragaram minhas coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
07	Me xingaram	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
08	Me insultaram por causa da minha cor ou raça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
09	Me insultaram por causa de alguma característica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Fui humilhado(a) por causa da minha orientação <i>sexual ou traço</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Fizeram zoações por causa do meu sotaque	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Deram risadas e apontaram para mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Colocaram apelidos em mim que eu não gostei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Fui encurralado(a) ou colocado(a) contra a parede	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Fui perseguido(a) dentro ou fora da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Fui sexualmente assediado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Não me deixaram fazer parte de um grupo de colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Me ignoraram completamente, me deram "gelo"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Inventaram que peguei coisas dos colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha <i>família</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Fizeram ou tentaram fazer com que os outros não <i>se relacionem de mim</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	Fui forçado(a) a agredir outro(a) colega	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23	Usaram da internet ou celular para me agredir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>